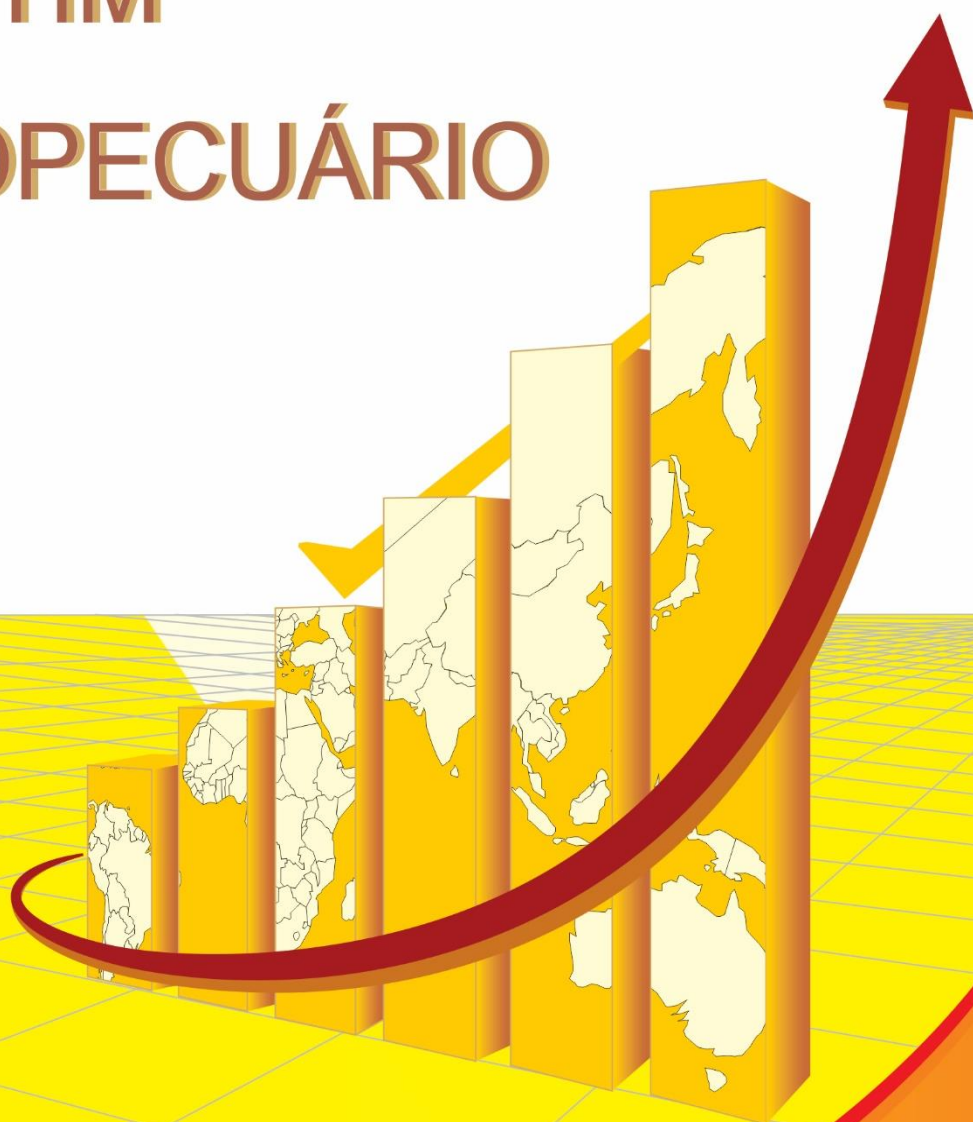


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

DOCUMENTOS Nº 344

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Saturnino Claudino dos Santos
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: agosto de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Agosto/2021. Florianópolis, 2021, 41p. (Epagri. Documentos, 344).
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.
Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	9
Milho.....	12
Soja	15
Trigo.....	18
Hortaliças	20
Alho.....	20
Cebola	23
Pecuária	26
Avicultura.....	26
Bovinocultura	31
Suinocultura.....	34
Leite	39

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos ao produtor no mês de julho recuaram em relação a junho, fechando o mês em R\$71,90/saca de 50 kg. Em termos nominais, o preço no mês esteve 27,28% superior ao de jul./20, mas, quando se considera a deflação pelo IGP-DI base jun./21, a média de jul./21 é 9,2% inferior à do mesmo período do ano passado. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, houve redução de 1,9% nos preços pagos aos produtores, fechando em R\$71,83/saca de 50 kg.

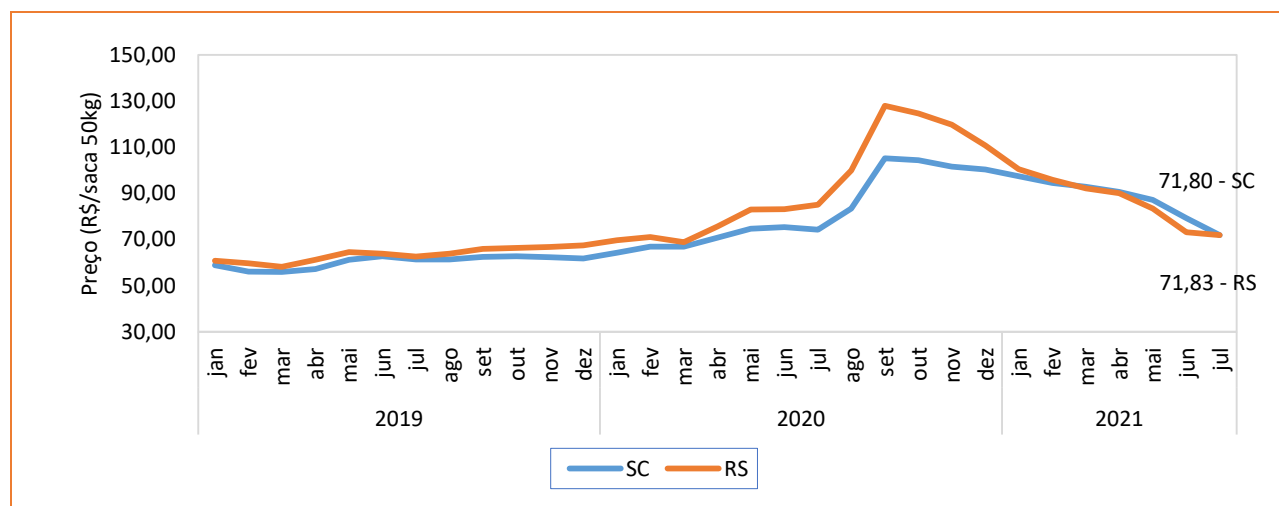


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2019 a julho/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base junho/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), agosto/2021.

Oferta e Demanda

A Companhia Nacional de Abastecimento – Conab concluiu o levantamento da produção nacional de arroz para a safra 2020/21. Segundo a companhia, a área plantada cresceu cerca de 1% em comparação a safra passada, alcançando 1,68 milhões de hectares cultivados. A produtividade merece destaque, com um incremento de 4,2%, alcançando uma produtividade média de 6.994 kg/ha. O resultado foi uma produção total de 11,8 milhões de toneladas, incremento de 5,2% em relação à safra anterior.

A Conab prevê ainda que, devido às projeções de preços elevados, poderá haver redução no ritmo de exportações. A projeção para 2021 é de 1,3 milhão de toneladas em vendas, volume esse muito próximo ao que foi exportado apenas nos primeiros sete meses de 2020. Considerando os sete primeiros meses do ano, as exportações foram de 571,56 mil toneladas e 1.248,55 mil toneladas, em 2021 e 2020, respectivamente, uma redução de 54,2% em relação ao mesmo período. Em julho/21, as exportações de arroz (base casca) somaram 95,83 mil toneladas, volume 36,6% superior às exportações de junho/21.

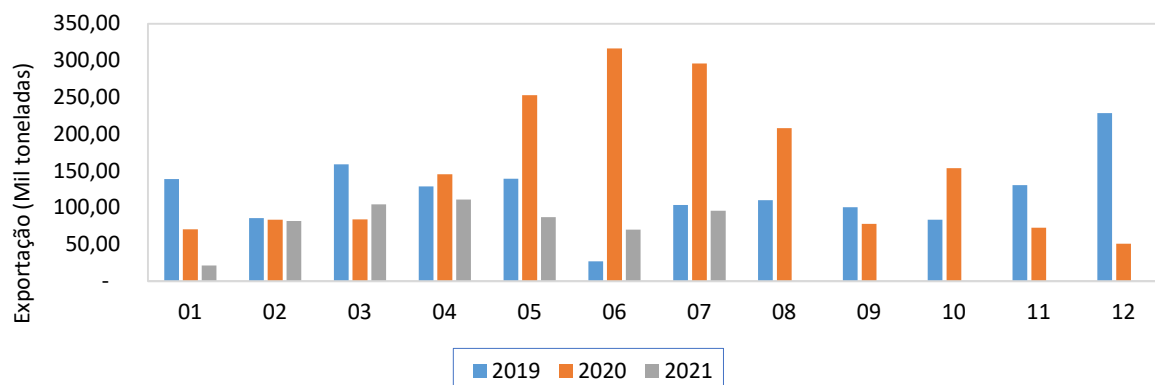


Figura 2. Brasil – Exportações arroz (base casca): evolução mensal – Janeiro/2019 a Julho/2021

Fonte: Comex Stat, agosto/2021.

Safra

Em Santa Catarina, a colheita do arroz está encerrada. Em todo estado, foram cultivados 148,3 mil hectares de arroz irrigado, uma redução de 0,79% em relação à safra anterior. A produtividade permaneceu praticamente a mesma da safra passada, com um pequeno incremento de 0,37%, passando dos 8.391 kg/ha, para atuais 8.422 kg/ha. Como resultado, teremos uma safra praticamente idêntica à alcançada na safra 2019/20, com uma produção de 1,25 milhão de toneladas. Santa Catarina permanece na segunda posição entre os estados produtores de arroz, contribuindo, nessa safra, com aproximadamente 11% da produção nacional.

Tabela 1. Arroz irrigado - Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Inicial - Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	512.719	8.713	0,00	1,54	1,55
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.115	60.701	8.531	0,20	-4,20	-4,39
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.828	191.735	8.784	0,00	0,29	0,30
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	11.333	5.981	-0,37	-3,82	-3,46
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.461	74.895	7.916	-0,18	0,60	0,78
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,40	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.232	146.238	8.021	0,03	-2,70	-2,73
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	92.338	8.634	0,25	3,21	2,95
Tabuleiro	132	739	5.598	132	877,8	6.650	0,00	18,78	18,79
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	15.780	7.292	0,00	-2,60	-2,59
Tubarão	18.940	150.239	7.932	17.738	140.697	7.932	-6,35	-6,35	0,00
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	148.279	1.248.853	8.422	-0,79	-0,42	0,37

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2021.

No campo, os rizicultores intensificam os trabalhos de preparo de solo para o plantio da safra 2021/22. No Litoral Norte, os produtores estão finalizando as operações de nivelamento das áreas de cultivo, aguardando as temperaturas subirem para poderem semear. Na região Sul Catarinense, muitos produtores já iniciaram as operações de semeadura, contudo, o grande problema é a falta de chuvas. Nesse momento, a restrição hídrica tem trazido preocupação para técnicos e produtores e é fator limitante para a continuidade do plantio.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca em julho, permaneceu inalterado em relação a junho, fechando a média mensal em R\$237,50/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços recuaram 3,43% no último mês, fechando a média de julho em R\$231,39/sc 60kg. No mercado paranaense, foi observada estabilidade nos preços médios mensais no último mês para o feijão-carioca, cotado a R\$253,88/sc 60kg. Para o estado do Mato Grosso do Sul, foi registrado queda de 3,61% nos preços do feijão-carioca.

No mercado atacadista, pouca movimentação de compradores. Os negócios que estão sendo fechados são para produtos comerciais com classificação 8,5 e 9. Produtores estão cautelosos quanto à oferta de produto para venda, na expectativa de que os preços se mantenham nos atuais patamares até a entrada no mercado da produção da próxima safra.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jul./2021	Jun./2021	Variação mensal (%)	Jul./2020	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	237,50	237,50	0,00	167,04	42,18
Paraná		253,88	253,12	0,30	195,92	29,58
Mato Grosso do Sul		264,23	274,13	-3,61	191,31	38,12
Bahia		270,57	274,09	-1,28	237,83	13,77
São Paulo		288,05	283,25	1,69	237,61	21,23
Goiás		269,46	268,23	0,46	231,53	16,38
Santa Catarina	Feijão-preto	231,39	239,61	-3,43	182,41	26,85
Paraná		233,03	239,88	-2,86	202,01	15,36
Rio Grande do Sul		225,10	226,85	-0,77	216,41	4,02

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), agosto/2021.

É importante destacar que no transcorrer do cultivo de feijão 2ª safra, foi registrada expectativa de incremento de plantio na ordem de 12% em relação à safra 2019/20. Os preços excelentes que vinham sendo praticados, aliado ao encurtamento da janela de plantio, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão 2ª safra. Entretanto, com a estiagem nos meses de março e abril, a cultura teve dificuldades de desenvolvimento.

A produção de feijão catarinense é predominantemente voltada ao mercado interno. A formação do seu preço depende de diversos fatores, como: diferentes variedades – o feijão-carioca normalmente é mais valorizado do que o feijão-preto; o tempo de armazenagem – o feijão novo (recém-colhido) é mais valorizado; a qualidade do produto – o feijão de primeira safra oferece ao mercado um produto de melhor qualidade que o de segunda safra, e a demanda – durante as férias escolares, por exemplo, a procura pelo produto é reduzida.

Desde março de 2020, quando a crise sanitária provocada pela pandemia do coronavírus se intensificou em toda sociedade, iniciou-se um movimento atípico de crescimento nos preços pagos aos produtores, que perdurou até março de 2021. A partir daí, os preços passaram a ter um comportamento mais estável, mas em patamares elevados.

Para melhor comparar a remuneração real dos produtores de feijão-preto e feijão-carioca ao longo de um determinado período, é necessário que seja considerado o efeito da inflação. Para a análise da evolução do preço médio mensal pago ao produtor de Santa Catarina, no período de janeiro de 2019 a julho de 2021, os preços foram deflacionados pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI). Nesse sentido, ao compararmos os preços de julho de 2021, com julho de 2020, podemos verificar que, em valores reais, os preços pagos aos produtores estão 86,9% superior para o feijão-carioca, e 66,7% para o feijão-preto.

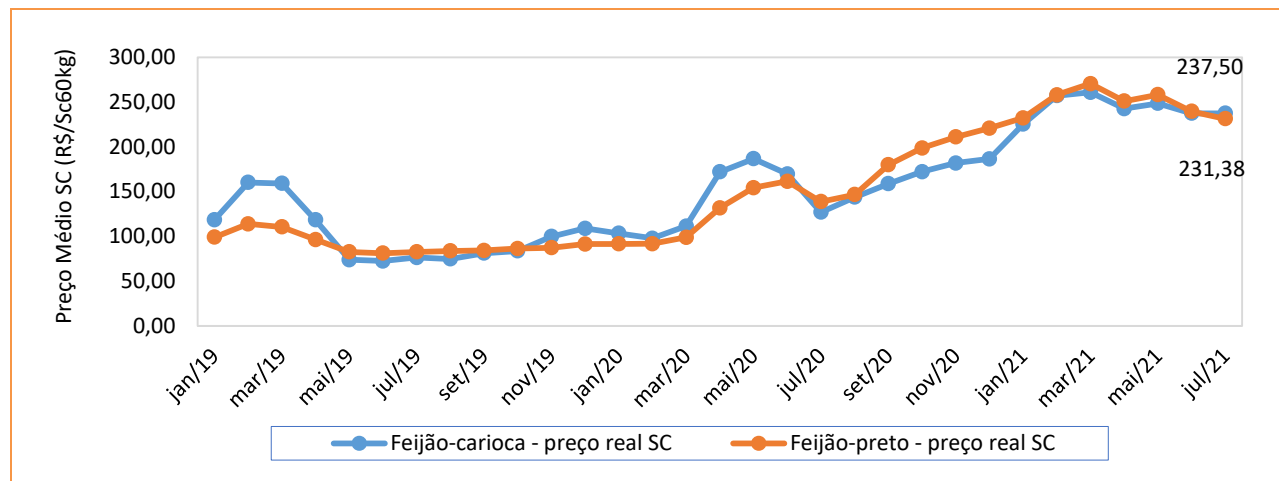


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2019 a jul./2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base junho/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), agosto/2021.

Safra Nacional

Em relação à safra nacional de feijão 2020/21, as perspectivas da Conab para o cultivo de aproximadamente 2.939,7 mil hectares (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi), para uma produção de 3.009,6 mil toneladas, volume 6,6% inferior ao colhido na safra 2019/20. Com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno recue. Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 250,3 mil toneladas, consumo em 3 milhões de toneladas, importações em 100 mil toneladas e exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 149,9 mil toneladas.

Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

A safra 2020/21 de feijão 1ª alcançou uma produtividade média de 1.707 kg/ha, ou seja, 2% menor do que a alcançada na safra passada. Nesta safra, a área plantada também apresentou uma redução de 8%. Os motivos são conhecidos, no início da safra, a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020 prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita. Como resultado, uma safra menor, com volume de produção 10% inferior ao obtido na safra 2019/20.

Feijão 2ª safra

Na safra 2020/21 de feijão 2ª safra, Santa Catarina registrou um incremento de 6% na área destinada a esse cultivo, passando de 24,7 mil hectares registrados na safra anterior, para 26,3 mil hectares. Apesar desse aumento de área, o clima comprometeu o desempenho das lavouras resultando em produtividade 10%

inferior. Como resultado, foram colhidos aproximadamente 30 mil toneladas da leguminosa, volume 5% menor do que foi alcançado na safra 2019/20.

Feijão total

Em relação ao feijão total (feijão 1ª + feijão 2ª), safra 2020/21, nossas estimativas registraram o cultivo de 59.379 hectares, ou seja, 2% inferior à área cultivada na safra 2019/20. A produtividade média também caiu, ficando em 1.456 kg/ha, 6% menor da que foi obtida na safra anterior. Como resultado de redução de área e de produtividade, tivemos uma safra 8% menor, registrando uma produção total de 86.466 toneladas. Atualmente passamos por um período de entressafra de feijão no estado.

Tabela 2. Feijão Total – Comparativo de safra 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	656	418	637	655	413	630	0	-1	-1
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	6.500	12.772	1.965	-14	53	77
Canoinhas	7.420	15.371	2.072	11.030	11.832	1.073	49	-23	-48
Chapecó	4.502	7.907	1.756	4.637	6.358	1.371	3	-20	-22
Concórdia	496	812	1.637	385	208	540	-22	-74	-67
Criciúma	3.091	2.485	804	1.692	1.489	880	-45	-40	9
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.310	10.146	2.354	-10	19	32
Florianópolis	12	7	583	15	15	1.000	25	114	71
Ituporanga	2.275	2.959	1.301	2.000	2.881	1.440	-12	-3	11
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.885	5.113	1.772	22	49	22
Rio do Sul	1.117	1.410	1.262	1.026	1.416	1.380	-8	0	9
São Bento do Sul	660	1.239	1.877	750	753	1.004	14	-39	-47
São M. do Oeste	2.890	3.727	1.290	2.456	2.671	1.088	-15	-28	-16
Tabuleiro	376	451	1.199	371	370	997	-1	-18	-17
Tijucas	166	172	1.036	180	219	1.214	8	27	17
Tubarão	1.954	1.743	892	1.948	1.728	887	0	-1	-1
Xanxerê	20.389	35.334	1.733	18.539	28.082	1.515	-9	-21	-13
Santa Catarina	60.683	94.350	1.555	59.379	86.466	1.456	-2	-8	-6

Fonte: Epagri/Cepa (SC), agosto/2021.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, após apresentarem queda (na média mensal de junho), os preços ao produtor retomam posições próximas de R\$90,00 a saca na média mensal de julho (Figura 1). Nos demais estados os preços apresentam comportamento semelhante. Entre os fatores que continuam influenciando a elevação dos preços estão: a redução significativa da produção na segunda safra no Brasil, o risco climático na reta final da safra dos EUA e a demanda da China pelo cereal. Como fatores que poderiam influenciar na baixa estão: a desvalorização do dólar, o volume das importações até final do ano pelo Brasil e o ritmo do consumo interno. Os fatores que estão prevalecendo são os que influenciam a alta das cotações.

- A paridade das importações de milho da Argentina e Paraguai deverá servir como base dos preços internos.
- Em função da menor disponibilidade interna do produto, as cotações devem permanecer elevadas até fim do ano, acima da média dos anos anteriores.

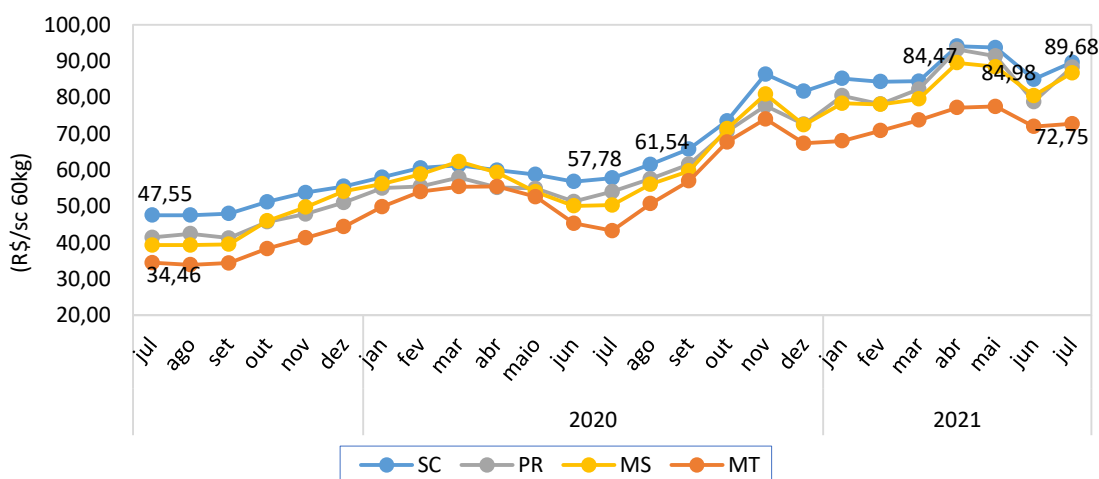


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) – julho/2019 a julho/2021 (atualizado IGP-DI)

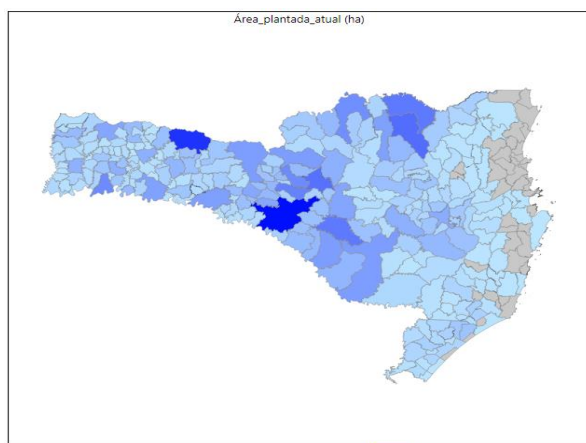
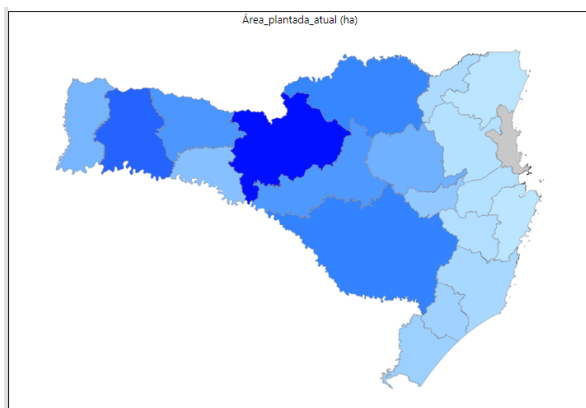
Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, FAMASUL-MS, Agrolink, janeiro/2021.

O ano de 2021 está apresentando novos desafios para o suprimento de milho no mercado interno. Problemas em série ocorreram na produção regional, nacional e mundial de forma a alavancar os preços, o que vem impactando a cadeia produtiva do agronegócio catarinense. Nos âmbitos nacional e regional a seca vem reduzindo as estimativas de milho da segunda safra. No mercado internacional a elevação do consumo, com um fator adicional, a pandemia e a preocupação com a segurança alimentar, levou a disputas internacionais e a um quadro de incerteza no preço dessa commodity. No entanto, cada safra tem suas particularidades, os produtores já estão na expectativa de final de inverno e início de uma nova safra.

Distribuição da produção de milho no estado

A distribuição da área cultivada de milho grão (primeira safra) por microrregião geográfica do estado está representada na Figura 2. As cinco principais regiões de cultivo de milho são: Joaçaba, Chapecó, Campos de

Lages, Canoinhas, Xanxerê e Curitibanos que, juntas respondem por 72% do total da área cultivada. As regiões apontadas no mapa com azul mais intenso são aquelas com maior percentual de área cultivada (Figura 2- superior). Os municípios que apresentam maiores área de cultivo de milho (azul mais intenso) são: Campos Novos, Abelardo Luz, Mafra, Canoinhas, Fraiburgo, Seara, Itainópolis, Palmitos, Curitibanos e Tangará, que somam mais de 100 mil hectares de cultivo de milho (Figura 2- inferior).



Microrregião	Área Plantada (ha)	Área Plantada (%)
Joaçaba	65.715	21
Chapecó	42.919	13
Campos de Lages	34.520	11
Canoinhas	33.000	10
Xanxerê	27.620	9
Curitibanos	27.065	8
Rio do Sul	18.830	6
São Miguel do Oeste	16.821	5
Concórdia	13.170	4
Ituporanga	10.550	3
Araranguá	7.759	2
Criciúma	7.086	2
Tubarão	5.015	2
São Bento do Sul	3.700	1
Tabuleiro	2.410	1
Blumenau	1.865	1
Tijucas	1.855	1
Joinville	326	0
Florianópolis	5	0
Total Geral	320.231	100

Figura 2. Milho grão – Santa Catarina: participação da área cultivada por Microrregião e Municípios), safra 2020/21

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, Infoagro, julho/2021

Estimativas da Safra Nacional de milho

Na consolidação das três safras no Brasil¹, a estimativa é de produção de 86,7 milhões de toneladas, representando redução de 15,5%, e de 21,1% na produtividade, em relação ao alcançado na safra anterior². Diante dos ajustes citados, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 5,1 milhões de toneladas, redução de 51,5% em comparação à safra anterior. Esse novo arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pela menor disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento das lavouras de segunda safra e da ocorrência de geadas.

¹ A primeira safra é a de verão (centro sul), a segunda está mais concentrada no Centro Oeste e a terceira no Nordeste/norte.

² Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº11 – décimo primeiro levantamento | agosto 2021.

Relatório CONAB, Agosto 2021

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
19.823,9 mil ha	4.371 kg/ha	86.650,1 mil t
7%	-21,1%	-15,5%

Relatório CONAB, Julho 2021

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
19.832,6 mil ha	4.709 kg/ha	93.384,6 mil t
7%	-15%	-9%

A Conab aponta no relatório de agosto uma nova redução, agora de 15,5% da produção nacional de milho em relação à safra anterior. A produção esperada de 93,39 milhões de toneladas (MT) em julho foi reduzida para 86,65 MT no relatório de agosto. Uma forte redução (6,7 MT) que retrata as condições climáticas (estiagem e geadas nas regiões produtoras da segunda safra). O consumo interno reduz um pouco, agora para 71,3 MT. O suprimento interno poderá estar comprometido se os volumes de exportações estiverem acima de 25 MT no ano. As importações devem superar 2,5 MT no ano.

Figura 3. Milho – Brasil: estimativas da produção total de milho para a safra 2020/21 – Conab

Fonte: Conab, julho/2021.

Mercado Mundial³

Visão geral para 2020/21:

A expectativa da produção global de milho caiu em relação ao relatório do mês passado, já que a perda estimada no Brasil superou os ganhos na União Europeia e África do Sul. O comércio global permanece inalterado em relação ao mês passado. Bangladesh, União Europeia e Tailândia estão ampliando suas importações. Preço médio na fazenda (ao produtor) da temporada dos EUA se manteve em relação ao relatório anterior em \$ 4,40 por bushel.

Visão geral e expectativa para 2021/22:

No relatório de agosto, o USDA retrata que a produção global de milho está em queda, já que mais cortes na área da União Europeia e nos Estados Unidos foram registrados. No entanto, este corte é compensado em parte por safras maiores na Índia, Rússia e Ucrânia. O comércio global está menor do que no mês passado (julho) com menores suprimentos exportáveis pelos Estados Unidos e redução das expectativas para as exportações do Brasil ao longo do período de 2021, ofuscando os ganhos da Ucrânia e da Rússia. As importações globais estão em baixa no conjunto com menores suprimentos exportáveis. O preço médio na fazenda (ao produtor) na temporada dos EUA está em alta, alcançando \$5,75 por bushel (mercado futuro, março de 2022). Portanto, a expectativa é que, os preços continuem fortalecidos na próxima safra.

³ USDA, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 27 August 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelas@epagri.sc.gov.br

Preços

A alta dos prêmios de exportação, a valorização cambial, os baixos estoques das indústrias brasileiras e a firme demanda doméstica elevaram os preços da soja em julho em cerca de 3% em relação a junho. Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1). No entanto, houve grandes oscilações de mercado nos últimos 30 dias, associados ao câmbio e a expectativa da nova safra dos EUA.

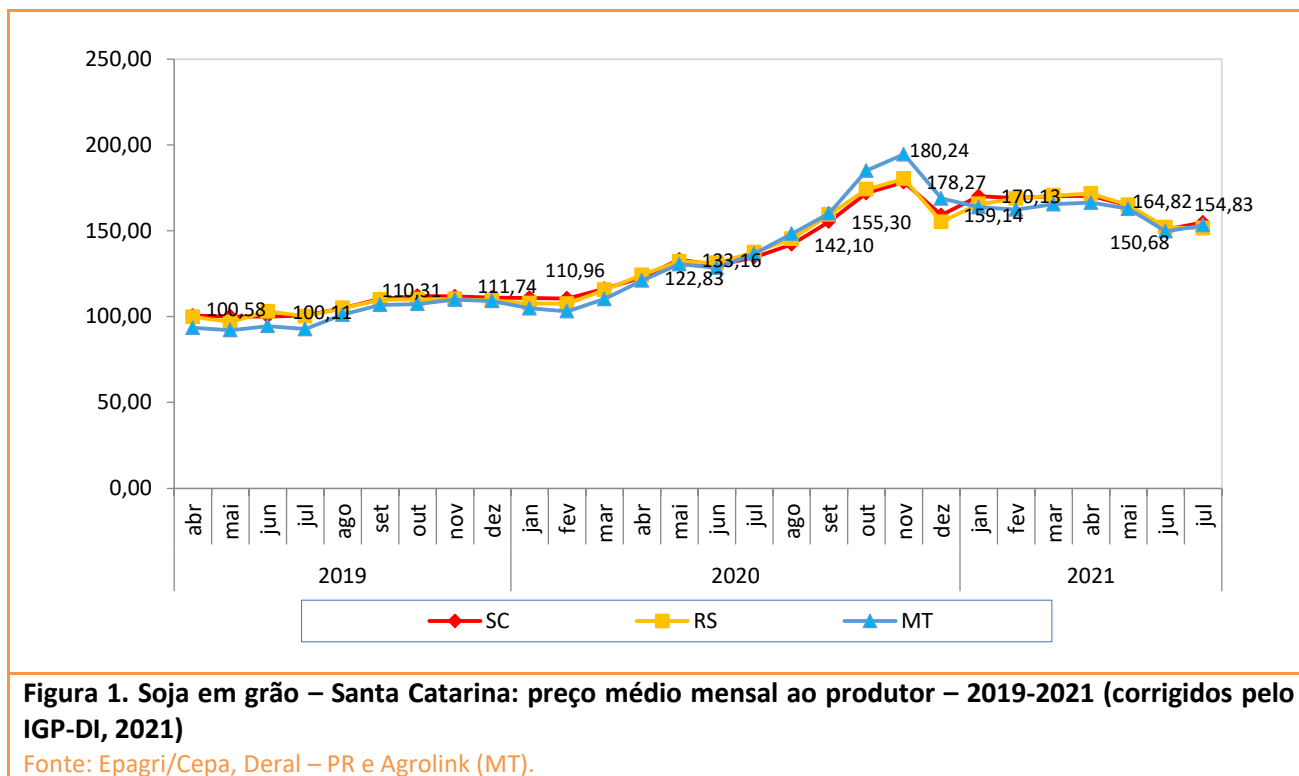


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-2021 (corrigidos pelo IGP-DI, 2021)

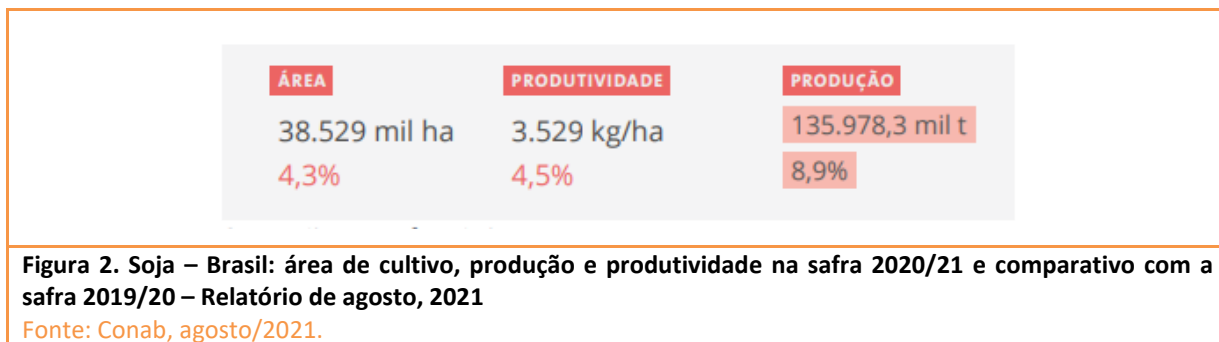
Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Derivados – Com a retração por parte dos produtores, as indústrias brasileiras sinalizaram dificuldades na aquisição de soja em grão no decorrer de julho. Além disso, o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) confirmou o aumento da mistura obrigatória de biodiesel ao Diesel A de 10 para 12% no 81º Leilão de Biodiesel. Nos leilões anteriores, o percentual havia sido reduzido de 13 para 10%, em decorrência dos efeitos da alta do custo do óleo de soja nos mercados brasileiro e internacional⁴.

Safra Nacional

A última estimativa para a safra 2020/21 (relatório de julho, 2021) confirma o crescimento da área plantada da oleaginosa, alcançando 38,5 milhões de hectares, o que representa um aumento de 4,3% em comparação à safra anterior (Figura 4). A estimativa da produção do relatório de junho da Conab está em 135,91 milhões de toneladas, 8,9% superior a safra 2019/20.

⁴ Cepea - Agromensal. <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>.



Mercado Internacional

Os preços na Bolsa de valores de Chicago (CBOT) tiveram bastante volatilidade em julho de 2021, ainda sob influência das projeções climatológicas para os EUA. E, mesmo com uma estimativa de redução na demanda, o preço médio (spot) de soja na Bolsa de Chicago (CBOT) em julho de 2021 foi calculado em US 14,44/bushel, com queda de 1,19% em relação a junho, que teve a média estimada em US 14,61/bu.

Tendência: os preços internacionais devem continuar sob forte influência da situação das lavouras e instabilidade climática nos EUA, com temperaturas elevadas e estiagem que deve reduzir a produção, o mês de agosto é decisivo neste cenário.

Outros fatos reportados no relatório do USDA de agosto que afetam o mercado da oleaginosa⁵:

- Condições quentes e secas para grande parte das pradarias **canadenses** afetaram significativamente a produção de colza nesta estação de ou de desenvolvimento da cultura. A previsão de produção de 2021 foi reduzida em mais de 4 milhões de toneladas neste mês.
- **A Argentina** cortou as necessidades de biodiesel pela metade, reduzindo para 5% a porcentagem de biodiesel necessária para mistura no mercado interno. A expectativa é a de que esta medida aumente a quantidade de óleo de soja disponível para exportação em quase 500.000 toneladas com base nas taxas de mistura históricas.
- Níveis baixos de água na bacia do rio Paraná dificultam as exportações de soja e de outros produtos pelo **Paraguai**. Dois anos de tempo seco reduziram o nível dos rios Paraguai e Paraná. Rio Paraná, que passa pelas principais instalações de carregamento argentinas (Rosário e San Lorenzo), teve o seu nível mais baixo em 75 anos, o que, por sua vez, reduziu as cargas para apenas 20% do normal.

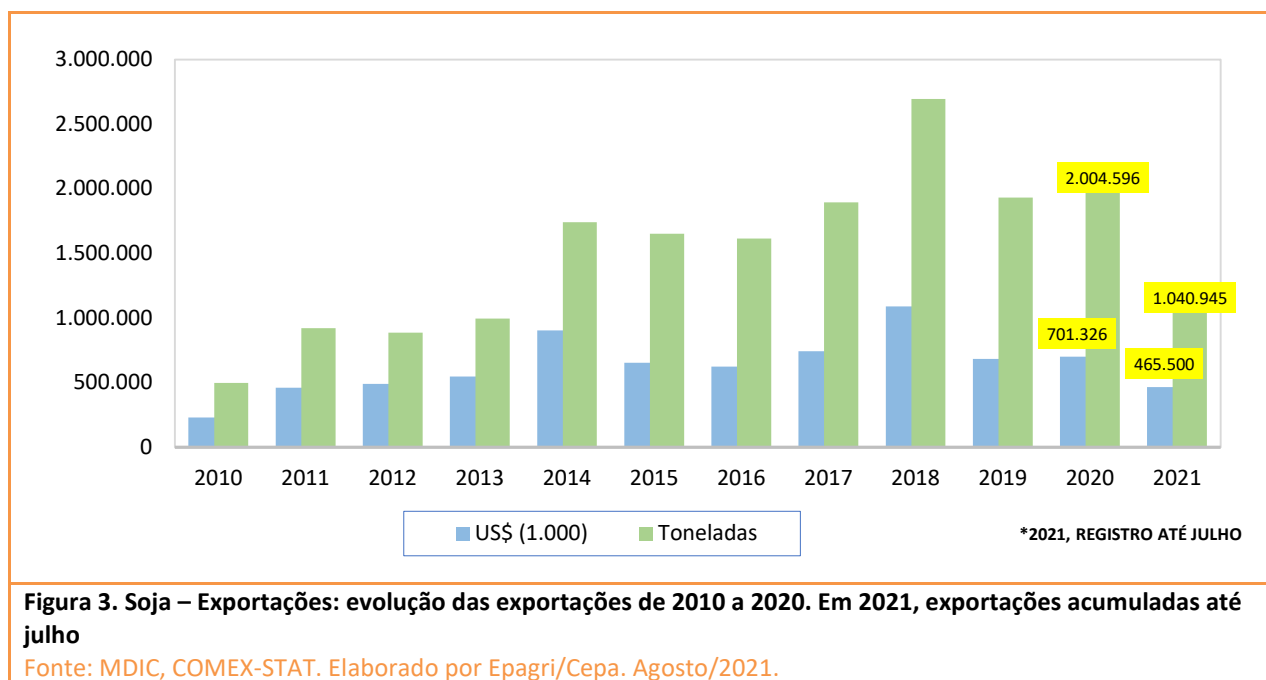
Cada um dos fatos reportados acima afeta de algum nível o mercado interacional, pois há uma inter-relação forte no setor e mercado global.

Exportações de soja por Santa Catarina

Em 2021, no acumulado até julho, Santa Catarina exportou 1,04 milhão de tonelada, na média dos últimos 10 anos as exportações anuais foram cerca de 1,4 milhão de tonelada. O ritmo de exportações está relativamente atrasado em comparação há anos anteriores. No entanto, se destaca o valor do produto do complexo soja que, em média em 2020 o valor FOB⁶ obtido foi de \$349,86/t, enquanto em 2021 está em \$447,19/t, cerca de 22% superior. A valorização das commodities agrícolas no mercado internacional após julho de 2020 foi significativa.

⁵ Oilseeds: World Markets and Trade. Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 2 August 2021.

⁶ FOB: Free On Board. Na tradução literal quer dizer “livre a bordo”. Neste caso, a responsabilidade do embarcador termina no despacho das mercadorias.



Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de julho, as cotações de balcão (valor pago ao produtor) para o trigo no mercado catarinense tiveram variação negativa de 1,8% em relação ao mês de junho, fechando o preço médio mensal em R\$ 80,91/saca de 60kg. A variação anual de preços nesse período, em termos nominais, para o mercado catarinense, foi 43,58% superior ao preço médio praticado em julho de 2020.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jul./21	Jun./21	Variação mensal (%)	Jul./2020	Variação anual (%)
Santa Catarina	80,91	82,39	-1,80	56,35	43,58
Paraná	81,55	79,01	3,21	60,13	57,48
Mato Grosso do Sul	81,25	93,63	-13,22	58,69	55,50
Goiás	88,20	93,63	-5,80	62,14	73,96
Rio Grande do Sul	79,29	80,72	-1,77	52,76	56,89

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), agosto/2021.

As possíveis altas nas cotações do trigo podem ser atribuídas fundamentalmente a elevação nas cotações do milho, que acaba puxando os preços do trigo para cima. A quebra da safra e safrinha da região Sul do país, aliado ao aumento nas exportações de carnes, tem pressionado para cima os preços do trigo. Ou seja, a falta de milho está levando a um aumento da demanda por trigo para cobrir as necessidades de proteína vegetal das fábricas de ração animal.

A geada é outro fator que poderá influenciar na elevação das cotações do trigo. Em Santa Catarina, os danos às lavouras de trigo foram baixos, visto que tradicionalmente o cultivo se concentra entre a segunda quinzena de junho e a primeira quinzena de julho, as baixas temperaturas alcançaram as plantas em pleno desenvolvimento vegetativo e com boa resistência aos efeitos das geadas. A preocupação a partir de agora é com a falta de chuvas, produtores temem que ocorra o mesmo que na safra passada, quando a estiagem se estendeu por setembro e outubro, prejudicando substancialmente a safra de trigo.

No cenário internacional, as projeções de uma safra com menor oferta tem se confirmado, fator que também mantém o mercado interno firme. O tempo seco no cultivo do trigo de primavera dos Estados Unidos levou o USDA a reduzir as estimativas de produtividade média das lavouras de trigo. Com isso, a previsão de colheita do cereal no país, que era de 51,66 milhões, passou a ser de 47,62 milhões de toneladas.

Outro fator que pode levar a uma queda nas cotações do trigo no mercado interno, é a entrada da nova safra de trigo a partir de outubro, podendo promover oscilações nos preços do trigo, sobretudo por pressão dos moinhos. Também devemos ter pressão baixista de compradores de farinhas, uma vez que o repasse de preços ao consumidor final, no atual cenário econômico do país, não é nada favorável.

Safra

Em Santa Catarina, as operações de plantio encerraram na última semana de julho. A condição de lavoura é classificada como 100% boa, influenciado pelas condições climáticas favoráveis, apresentando boa

sanidade e stand de plantas, com lavouras em pleno desenvolvimento vegetativo. Os eventos climáticos ocorridos (geadas com temperaturas baixas) não causaram danos a cultura. Merece atenção no momento, o baixo volume de chuvas, fator que preocupa técnicos e produtores.

Para a safra 2021/22, as estimativas de julho apontam para um incremento bem superior ao inicialmente previsto (maio/21). A área destinada ao cultivo de trigo deverá crescer 60%, passando de 58,4 para 93,2 mil hectares. A produtividade média também deverá crescer, com um incremento estimado de 12%. Havendo condições climáticas favoráveis, deveremos alcançar uma produção superior a 307 mil toneladas de trigo, volume 79% superior ao obtido na safra passada.

Os maiores incrementos percentuais de plantio estão nas Microrregiões Geográficas de Campos de Lages (339%), Rio do Sul (324%) e Ituporanga (107%). Nesta safra, essas três MRG's deverão contribuir com aproximadamente 4,8% da produção estadual de trigo. Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, os incrementos de área plantada em relação à safra passada serão de 44% e 93%, respectivamente. Essas duas MRG's responderão nesta safra por 24,2% da produção estadual de trigo.

Já para as MRG's de Curitibaanos, Joaçaba e Concórdia, as incrementos na área plantada serão de 58%, 55% e 61%, respectivamente. Quanto a produção, essas três MRG's responderão por 29% da produção estadual. Mais para o Oeste, nas MRG's de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste, o aumento de área plantada deverá ser de 55%, 64% e 46%, respectivamente. Já a produção de trigo representará 41% de todo trigo produzido nessa safra de 2021/22.

Em relação às condições climáticas, segundo dados da Epagri/Ciram, em agosto, a média de chuva sobe um pouco em relação a julho, variando de 110 a 190 mm no Oeste, Meio Oeste e Planalto e de 110 a 150 mm no Vale do Itajaí e Litoral. Em setembro e outubro inicia a época de chuvas de primavera, com totais de precipitação mais elevados. Os totais de chuva em setembro variam de 150 a 210 mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 170 mm nas demais regiões. Em outubro os volumes de chuva são os mais elevados do trimestre e variam de 210 a 280 mm no Oeste e Meio Oeste e de 140 a 180 mm nas demais regiões.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	2785	7.635	2.741	339	494	35
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	19.200	69.534	3.622	44	49	3
Chapecó	13.493	35.785	2.652	20.942	61.943	2.958	55	73	12
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.468	3.573	61	93	19
Curitibaanos	9.040	29.212	3.231	14.320	59.994	4.190	58	105	30
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.620	4.184	2.583	107	106	-1
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.166	23.062	3.740	55	136	52
Rio do Sul	250	605	2.420	1060	2.620	2.472	324	333	2
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.350	4.790	3.548	93	107	8
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	6.700	18.490	2.760	46	56	7
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.290	48.860	2.826	64	68	2
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	93.243	307.580	3.299	60	79	12

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos que produzem comercialmente a cultura do alho. Produção tradicionalmente ligada à agricultura familiar cuja média de área plantada é de aproximadamente 0,5 ha. Com estas características percebe-se a importância do papel das políticas públicas de pesquisa, assistência técnica, crédito rural e os programas do Proagro e seguro rural como ações e instrumentos que ofertam maior segurança aos produtores e a cadeia produtiva da cultura em Santa Catarina. Nesse sentido, é relevante considerar a necessidade estratégica de a cadeia produtiva catarinense do alho propor projeto de apoio ao desenvolvimento da cultura, visto que há forte expansão da produção de alho nos estados do centro do país como Minas Gerais e Goiás que podem afetar a competitividade da cultura em nosso estado.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de julho a R\$14,50/kg, redução de 13,53% em relação ao início do mês de junho e fechando o mês a R\$13,78/kg, redução de 4,96% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$17,77/kg para R\$16,11/kg, representando redução de 9,34%, e o alho classe 7 fechou julho ao valor de R\$17,36/kg, redução de 2,96% no mês.

Na primeira semana de agosto os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram pequena recuperação de preços em relação ao final do mês de julho, com variação de 4,50% para o alho classe 5, de 3,94% para o alho classe 6 e de 7,52% para o alho classe 7.

O alho argentino teve preços registrados pela central até o dia 23 de julho, cujos preços foram de R\$13,53/kg, R\$14,53/kg e R\$16,50/kg para as classes 5, 6 e 7, representando redução de 17,85%, 16,82% e 10,66% respectivamente em relação ao final do mês de junho.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em julho o alho nobre nacional, classes 4 e 5 se mantiveram com preços que variaram de R\$15,00/kg a R\$ 15,50/kg no fechamento do mês, enquanto o alho das classes 6 e 7 foram comercializados a R\$17,00/kg e fechando o mês a R\$ 17,50/kg.

Produção

A safra catarinense de alho 2021/22 já está com plantio encerrado em todas as regiões. O frio intenso das últimas semanas não afetou o desenvolvimento da cultura, visto que é própria do período de inverno. Por outro lado, as chuvas abaixo das médias históricas nas regiões produtoras também têm contribuído para que as lavouras se desenvolvam em condições fitossanitárias muito boas. Com a preponderância de condições climáticas positivas para a cultura até o momento, se mantém a expectativa de uma boa safra de alho no estado.

Em relação a área plantada com a hortaliça no estado, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa, atualizado no mês de julho serão plantados 1.718ha com produção total estimada de 17.541 toneladas e rendimento médio esperado de 10.210 kg/ha.

Conforme apontado no boletim anterior, algumas preocupações dos produtores de alho dizem respeito à elevação do custo de produção para a presente safra que gira entorno de 13% a 15% em relação à safra passada e, bem como a insuficiente recuperação dos mananciais e reservatórios de água para irrigação, visto que nosso estado foi afetado por prolongada estiagem que ainda não permitiu a recuperação em níveis satisfatórios deste insumo nas regiões produtoras.

Comércio exterior

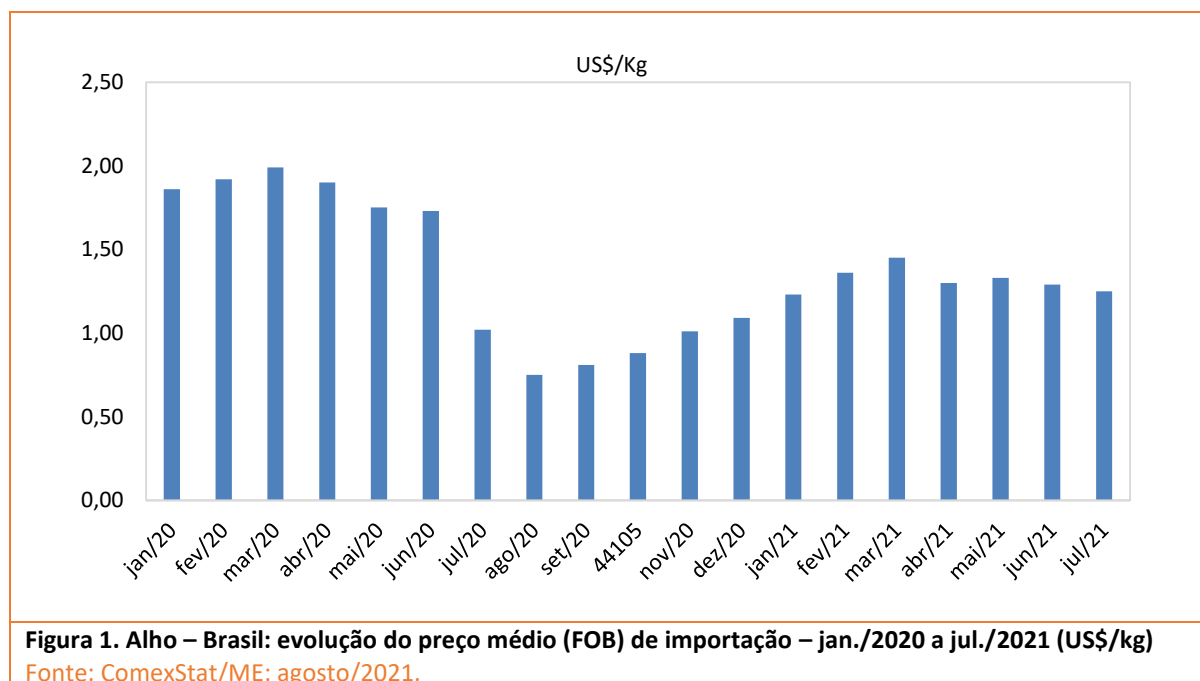
Em julho de 2021 foram importadas 11,49 mil toneladas de alho, o menor volume para o mês dos últimos cinco anos. De janeiro a julho desse ano, as importações somam 100,07 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 113,54 mil toneladas, redução de 11,86% em relação ao mesmo período do ano passado, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a jul./2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	-	-	-	-	-	100,07

Fonte: Comexstat/ME: agosto/2021.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado em julho houve nova redução que foi de 3,10% em relação ao mês de junho, passando de US\$1,29/kg para US\$1,25/kg, conforme exposto na figura 1.



Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a julho de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de julho/21 foi de US\$14,37 milhões (FOB), redução de 31,17% em relação a junho e, volume importado de 11,49 mil toneladas, redução de 28,85% no mesmo período.

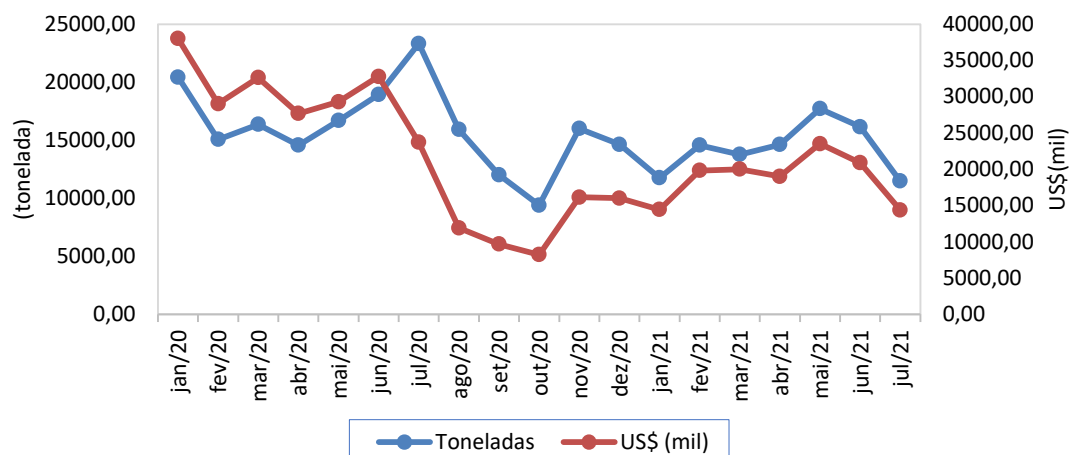


Figura 2. Alho - Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2020 a jul./2021

Fonte: ComexStat/ME: agosto/2021.

Os principais fornecedores de alho para o Brasil no mês de julho/21 foram a Argentina, que participou com 4,66 mil toneladas, representando 40,65% do total importado, a China, com 5,34 mil toneladas, 46,47% do total, a Espanha, com 1,18 mil toneladas, 10,27% do total e outros países com 0,30 mil toneladas significando apenas 2,61% do total, como indica Figura 3.

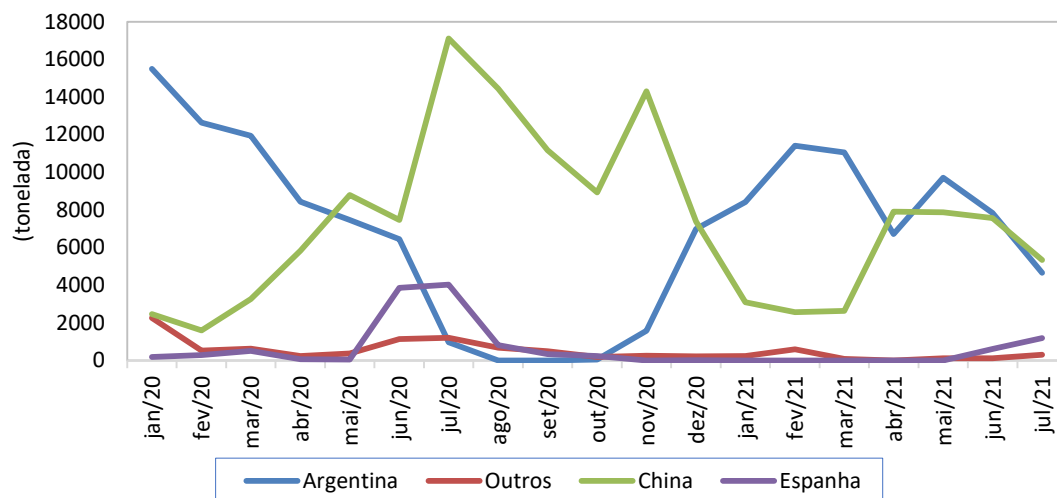


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2020 a jul./2021 (t)

Fonte: Comexstat/ME, agosto/2021.

Trazemos mais uma vez à discussão a necessidade de articulação dos setores público e, especialmente, da cadeia produtiva do alho em Santa Catarina, no sentido de elaborar um conjunto de ações em voltadas para o desenvolvimento e fortalecimento da produção de alho no estado. Nesse sentido, os esforços de implantação da Indicação geográfica (IG) para o alho catarinense se constitui em boa referência para impulsionar um projeto para a hortaliça. A IG indica as qualidades ou reputações específicas que diferenciam um produto, considerando os recursos naturais como solo, clima, vegetação e os aspectos culturais humanos e técnicos da região. Para o estado berço da produção comercial de alho no Brasil, a IG pode simbolizar um novo marco para a cultura em Santa Catarina.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Os resultados da safra catarinense de cebola 20/21, apesar de ter enfrentado adversidades climáticas, possibilitou aos produtores bons retornos econômicos motivando a cadeia produtiva a manter investimentos em tecnologias de produção da hortalíça no estado. Nesse sentido, contribuem para alcançar os objetivos produtivos a determinação dos produtores, os serviços de assistência técnica, os resultados das pesquisas como da EPAGRI na Estação Experimental de Ituporanga com lançamentos de novos cultivares de desempenho superior, com a Vale Sul, manejo do solo e da cultura, o crédito rural, PROAGRO e seguro rural dentre outras políticas públicas de apoio à cadeia produtiva. Dessa forma, há elementos que contribuem para que o estado de Santa Catarina permaneça como o maior produtor nacional de cebola, cuja área plantada na safra 21/22 é de 17.458ha e uma produção estimada de 499.650 toneladas.

Preços e Mercado

Após o encerramento da safra de cebola do Sul do Brasil ocorrido em maio-junho, no mês de julho houve aumento da oferta de cebola no mercado nacional puxada pela produção das regiões de São Paulo, Cerrado e Triângulo Mineiro. Segundo a revista HF Brasil, em julho, de forma geral os preços da hortalíça no mercado nacional tiveram reduções significativas e ficando, de forma geral, abaixo do custo de produção. No Triângulo Mineiro o mês fechou com preço da cebola, caixa 3, ao produtor a R\$0,83/kg e em Cristalina (GO) a R\$0,61/kg.

Na Ceagesp/SP, o mês de julho iniciou com preço da cebola a R\$1,53/kg, valor que representa redução de 20,72% em relação aos preços praticados no início de junho, porém fechando o mês a R\$ 1,37/kg.

O mês de agosto iniciou com pequena recuperação de preços no atacado paulista para a cebola média nacional atingindo no dia 02/08 o valor de R\$1,40/kg, representando aumento de 2,14% em relação ao final do mês de julho.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de julho iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$1,60/kg, redução de 20% em relação ao início do mês de junho. Na segunda semana do mês baixou para R\$1,50/kg. A partir da segunda quinzena, a hortalíça apresentou novas baixas nos preços atingindo a R\$1,40/kg, fechando o mês nesse preço. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável, sendo comercializada a R\$2,25/kg, mesmo valor do mês de junho.

Safra catarinense

A safra catarinense de cebola 21/22, em via de implantação em todas as regiões produtoras já atinge plantio de 13.700ha, perfazendo 78% da área estimativa para plantio em Santa Catarina. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, o plantio da safra 21/22 deve ser concluído até o final desse mês. O acompanhamento de safra do mês de julho identificou alguma redução de área nas microrregiões de Joaçaba e Ituporanga, num total de 150ha em função da falta de chuvas no período ou mesmo insegurança de produtores em disponibilizar água para a irrigação. Dessa forma, a atualização dos números para a safra 21/22, apontou o plantio de 17.458ha, redução de 0,54% em relação à estimativa inicial que era de 17.553ha. Em relação a produção inicial esperada houve aumento de 0,9% passando de 494,74 mil toneladas para 499.650ha.

Com relação ao desenvolvimento da safra, as lavouras apresentam situação fitossanitária boa a muito boa até o momento. A presença de frio intenso com formação de geadas e neve não afetou a cultura.

Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Tradicionalmente o pico da entrada de cebola estrangeira no Brasil ocorre nos meses de março, abril, maio e junho. Nesse ano já no mês de junho houve forte redução da importação, tendência que se acentuou no mês de julho. Os volumes importados de janeiro a julho do corrente ano somam 114,68 mil toneladas, redução de 40,53% em relação ao mesmo período do ano passado. Como pode ser visto, nesse ano ocorreu uma forte redução nas importações comparativamente aos últimos três anos conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a julho de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966,32	194,80	-	-	-	-	-	114.686,92

Fonte: ComexStat/ME, agosto/2021.

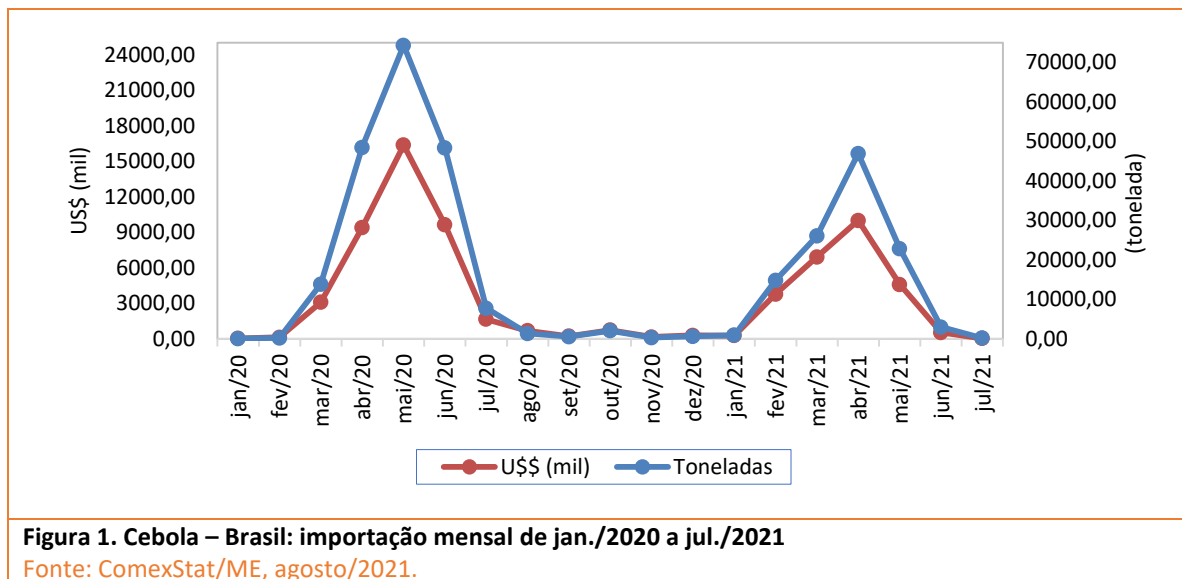
Apesar da forte redução nas importações que ocorrem nesse ano, o Brasil é um importante mercado para a comercialização da produção de cebola de diversos países como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2020 e de janeiro a julho de 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB). Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado em 2020. Em 2021, importamos dos vizinhos até julho, 97,94 mil toneladas, 85,4% do volume total. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total em 2020 e 7,15 mil toneladas em 2021, 6,23% do total. Os Países Baixos com 14,3 mil toneladas em 2020, perfazendo 7,23% do total importado e em 2021, o volume chegou a 7,15 mil toneladas ou 7,54% do volume importado nesse ano. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021 o preço médio (FOB) está em US\$0,22/kg, redução de 4,7% em relação à média do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a julho)

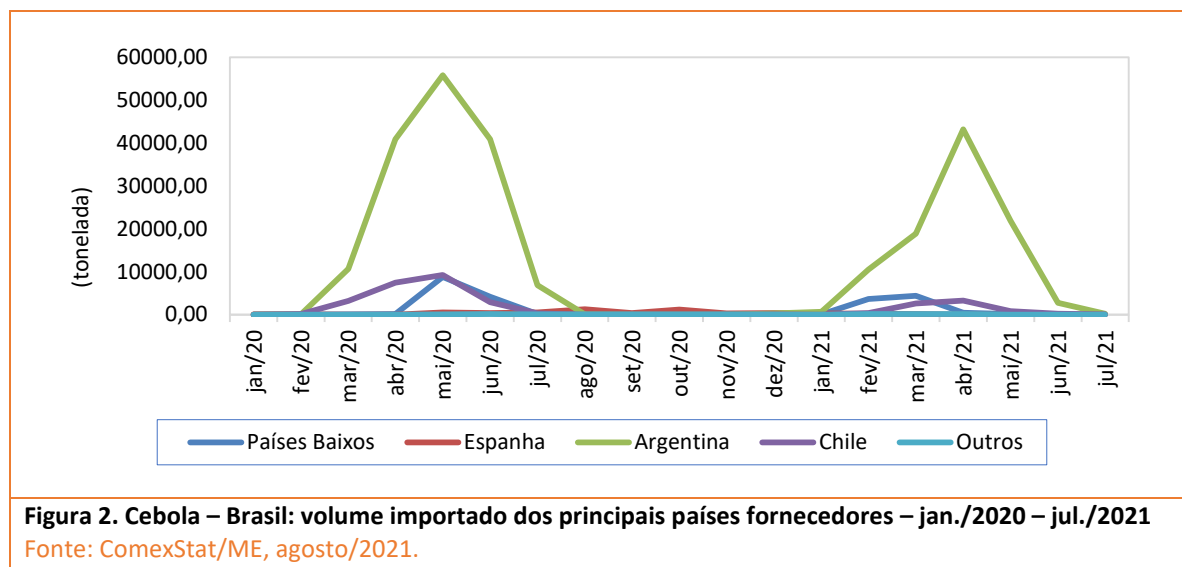
Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.093,28	97.938,92
Chile	8.782,1	23.142,5	2.888,34	7.155,42
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	286,27	585,53
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	253,2
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
Total	42.291,9	197.756,7	25.572,61	114.686,92

Fonte: ComexStat/ME, agosto/2021.

Em julho foram importadas apenas 0,19 mil toneladas de cebola, redução de 93,43% em relação a junho, quando foram importadas 2,96 mil toneladas. A redução para o mês é significativa, sendo o menor volume para o mês de julho dos últimos três anos. O desembolso total (FOB) foi de US\$0,034 milhões, (Figura 1).



Os países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de julho foram a Argentina, com 0,72 mil toneladas, volume que representa 88,29% do total, e o Chile, com 0,022 mil toneladas, 11,7% do total, conforme comportamento das importações apresentado na Figura 2.



Para finalizar, de acordo com as informações do acompanhamento sistemático de safras realizado pela Epagri/Cepa a cultura da cebola na safra 21/22 em Santa Catarina se desenvolve em boas condições. O frio intenso ocorrido no estado não prejudicou a cultura e o clima mais seco até o momento tem propiciado boas condições fitossanitárias de forma geral. Dessa forma se mantém as boas perspectivas de produção para a safra. Por outro lado, um desafio importante continua sendo administrar a elevação média de aproximadamente 15% no custo de produção para a safra 21/22, visto que as perspectivas de mercado são de oferta alta no período da comercialização da nova safra catarinense.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços do frango vivo apresentaram altas nos três estados acompanhados: 5,8% no Paraná, 4,1% em São Paulo e 0,3% em Santa Catarina. Em relação a agosto de 2020, as variações são ainda mais expressivas em todos os casos: 64,8% em São Paulo, 57,5% no Paraná e 30,8% em Santa Catarina.

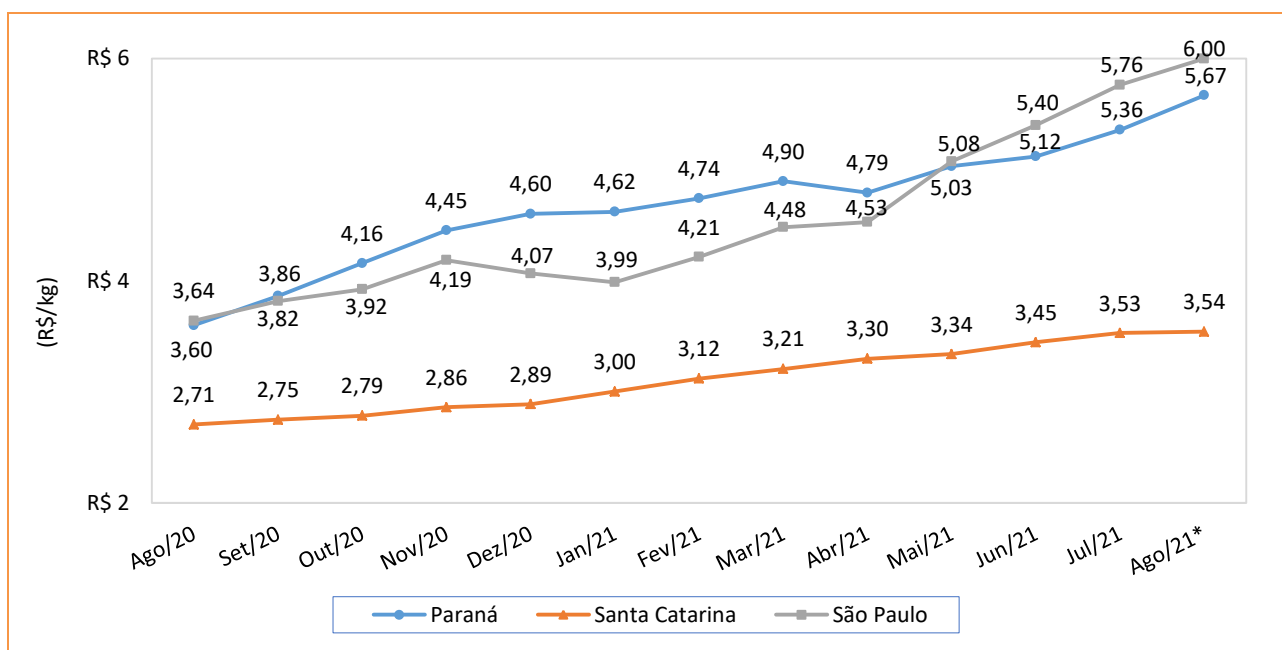


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, observou-se variação nas duas primeiras semanas de agosto somente na praça de Chapecó (0,8%). Em Joaçaba e no Sul Catarinense, os preços mantiveram-se inalterados.

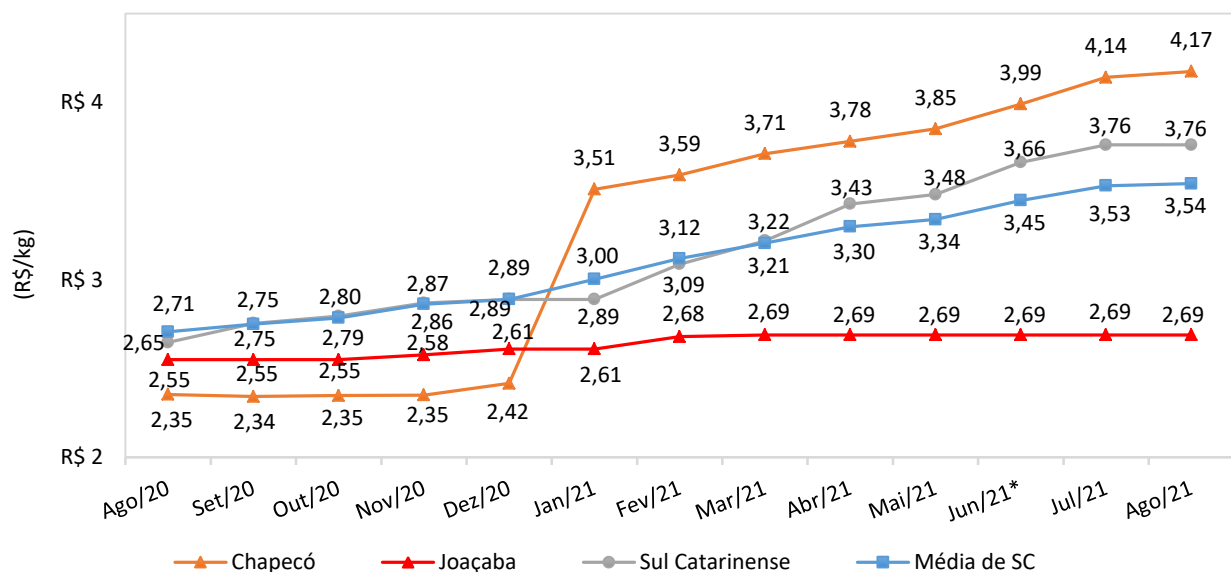


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

No que diz respeito aos preços de atacado, nas duas primeiras semanas de agosto ocorreram altas expressivas nos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa: filé de peito congelado (16,6%), coxa/sobrecoxa congelada (7,1%), peito com osso congelado (3,5%) e frango inteiro (1,7%). A variação média foi de 7,2%. A tendência de alta predomina desde março e a variação acumulada no ano é de 17,0%.

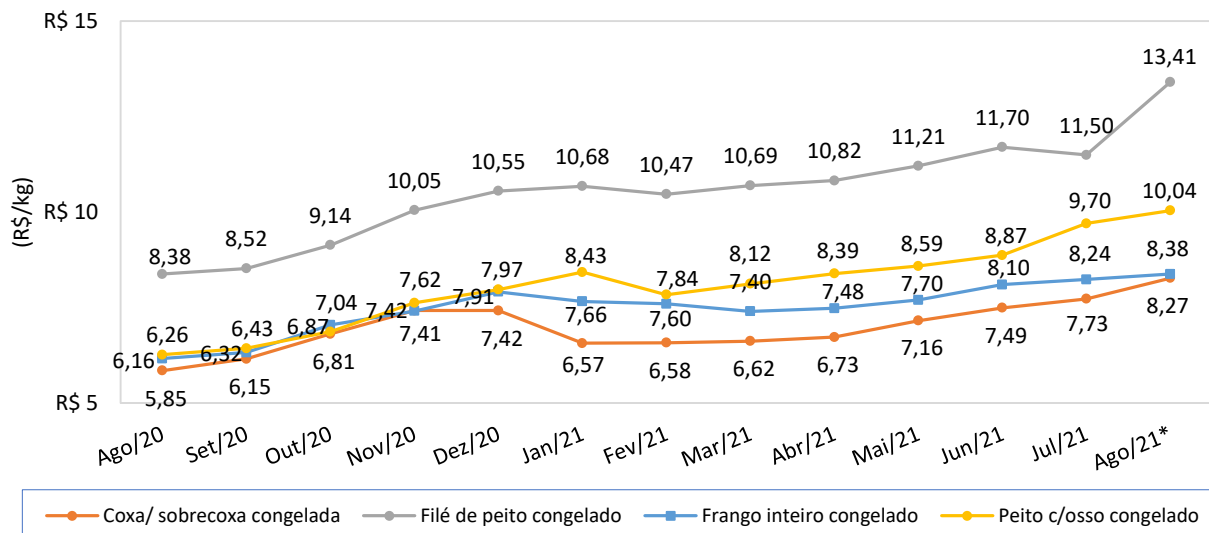


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de agosto com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações significativas: peito com osso (60,2%), filé de peito (60,0%), coxa/sobrecoxa (41,5%) e frango inteiro (35,9%). A variação média no período foi de 49,4%.

Esses movimentos de alta, tanto nos preços ao produtor quanto no atacado, estão relacionados a diversos fatores, dentre os quais se destacam o crescimento das exportações e a queda no volume de abates reportada em alguns estados. Com a elevação nos preços das demais carnes, também cresceu a demanda pela carne de frango no mercado interno, o que contribui para o cenário de altas.

Custos

Assim como no mês anterior, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta nas primeiras semanas de agosto. A variação em relação a julho é de 1,7%, principalmente em função da elevação de 2,6% no preço de atacado do milho na praça de Chapecó, parcialmente compensada pela alta de 0,8% no preço do frango vivo na mesma praça. Na comparação com agosto de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 35,7%.

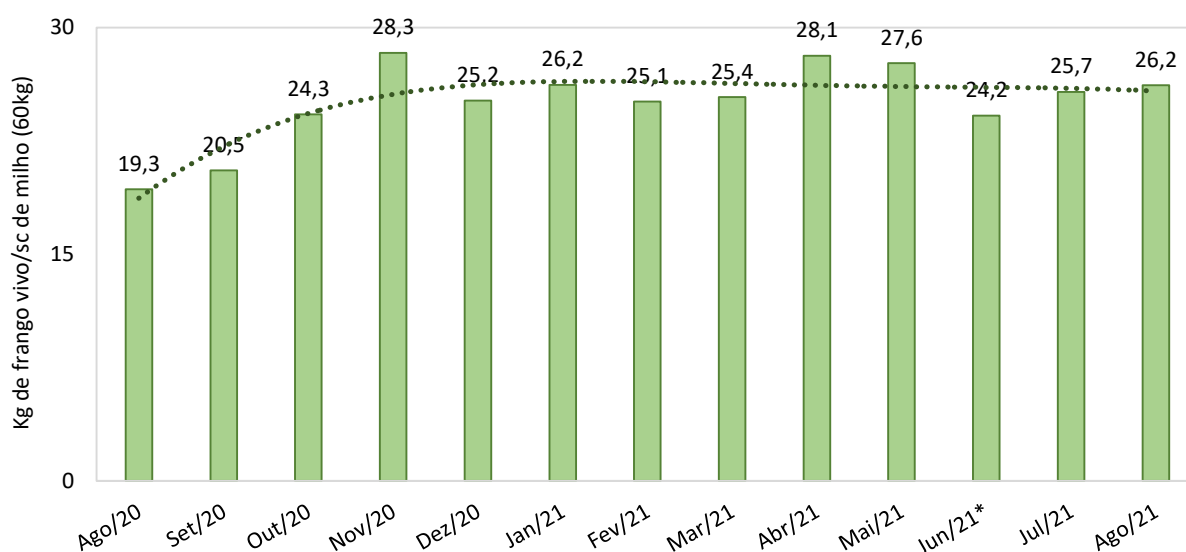


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em agosto de 2020, o avicultor precisava de 19,3kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), montante que passou para 26,2kg em agosto deste ano.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **412,05 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **6,9%** quando comparado ao mês anterior e de **15,4%** em relação a julho de 2020. Esse é o maior volume mensal exportado pelo país desde julho de 2018. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 723,96 milhões**, alta de **13,8%** em relação a junho e **47,3%** acima de julho do ano passado. Tal valor representa o melhor resultado mensal do país desde julho de 2015.

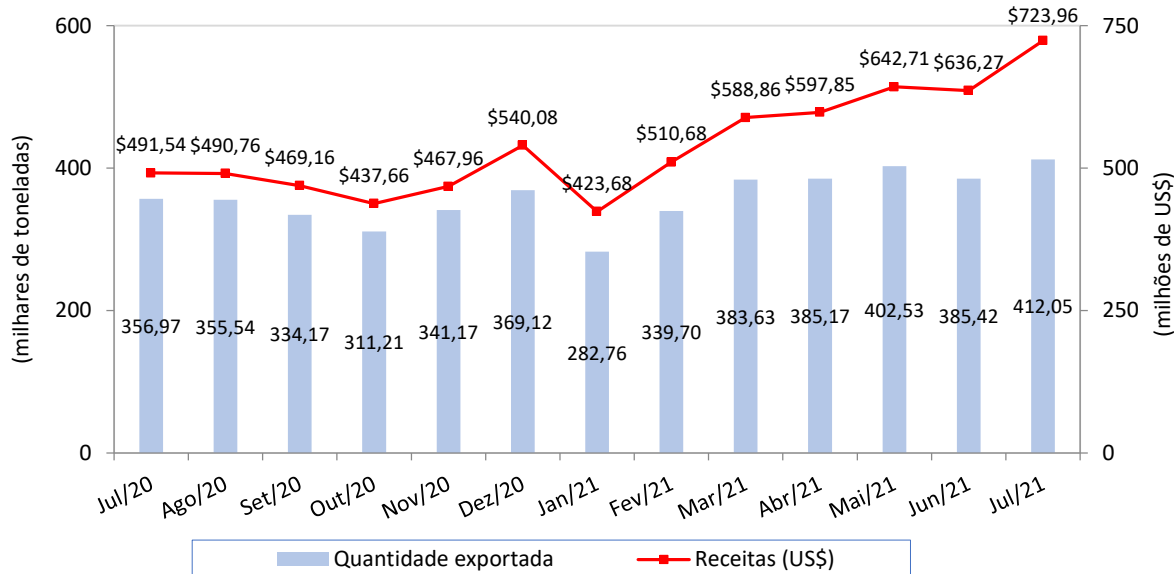


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a julho, o Brasil exportou **2,59 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$4,12 bilhões**, alta de **7,4%** em quantidade e de **15,1%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango nos primeiros sete meses do ano foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,1% das receitas.

Santa Catarina exportou **91,18 mil toneladas** de carne de frango em julho (*in natura* e industrializada), queda de **1,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **9,2%** na comparação com julho de 2020. As receitas foram de **US\$172,66 milhões**, alta de **4,2%** em relação ao mês anterior e de **40,9%** na comparação com julho de 2020. O valor de julho representa o melhor resultado mensal desde julho de 2019.

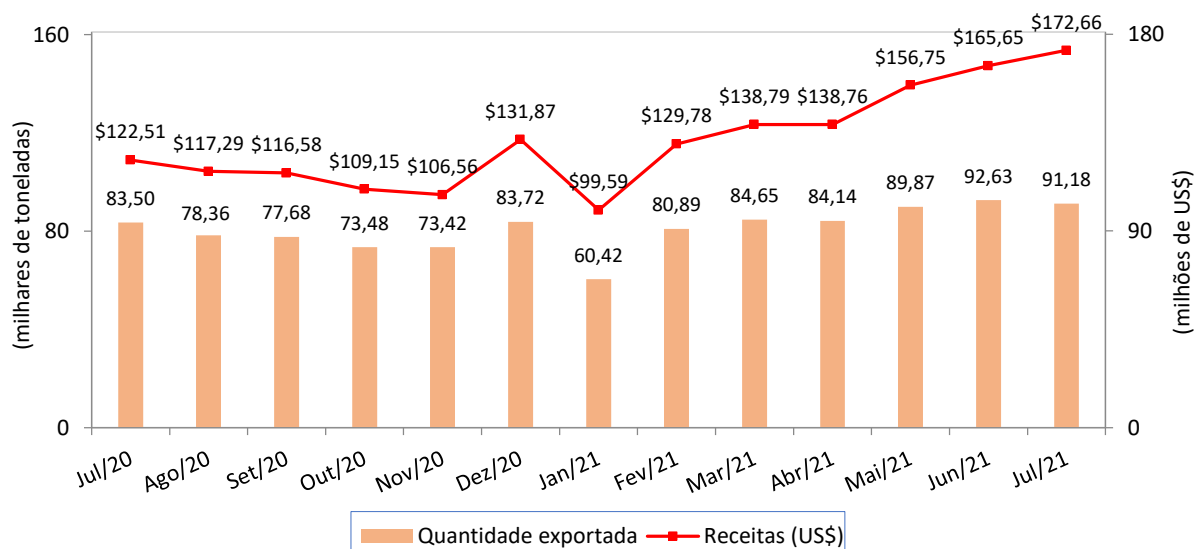


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em julho foi de **US\$ 1.841/tonelada**, alta de **6,0%** em relação ao mês anterior e de **30,7%** na comparação com julho de 2020.

De janeiro a julho, Santa Catarina exportou um total de **583,78 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,00 bilhão**, alta de **1,0%** em quantidade e de **9,4%** em valor, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,3%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 55,9% das receitas e 50,8% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro a julho de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	163.697.430,00	89.954
China	110.820.318,00	59.820
Arábia Saudita	100.001.771,00	53.815
Países Baixos (Holanda)	96.631.469,00	42.404
Emirados Árabes Unidos	88.666.901,00	50.511
Demais países	442.169.559,00	287.279
Total	1.001.987.448,00	583.783

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, dois registraram variação negativa nas receitas acumuladas no ano, quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para a China (-19,5%). Por outro lado, chamam atenção os crescimentos dos valores exportados para Japão (6,3%) e Arábia Saudita (41,0%). Também merece menção o expressivo aumento dos embarques para o México (6.833,5% em valor e 4.536,5% em quantidade), que vem recuperando sua participação como importante destino do frango catarinense.

Um dos fatores que têm contribuído para o crescimento das exportações é a ampliação no número de pessoas vacinadas contra a Covid-19 e a gradativa recuperação econômica de alguns dos principais destinos da carne de frango brasileira e catarinense. A expectativa do setor é que sigam sendo registrados volumes altos ao longo do 2º semestre.

Embora seja favorável para produtores e agroindústrias, esse cenário significa uma menor oferta de carne de frango no mercado interno e, por consequência, deve resultar em novas elevações de preços para o consumidor ao longo dos próximos meses.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de agosto predominaram os movimentos de alta nos preços do boi gordo na maioria dos estados acompanhados, embora com menor intensidade que nos meses anteriores: 1,7% em Santa Catarina, 0,6% no Mato Grosso do Sul, 0,5% em Minas Gerais, 0,4% em São Paulo, 0,3% no Paraná e 0,2% em Goiás. Dois estados apresentaram quedas: -3,7% no Rio Grande do Sul e -0,7% no Mato Grosso.

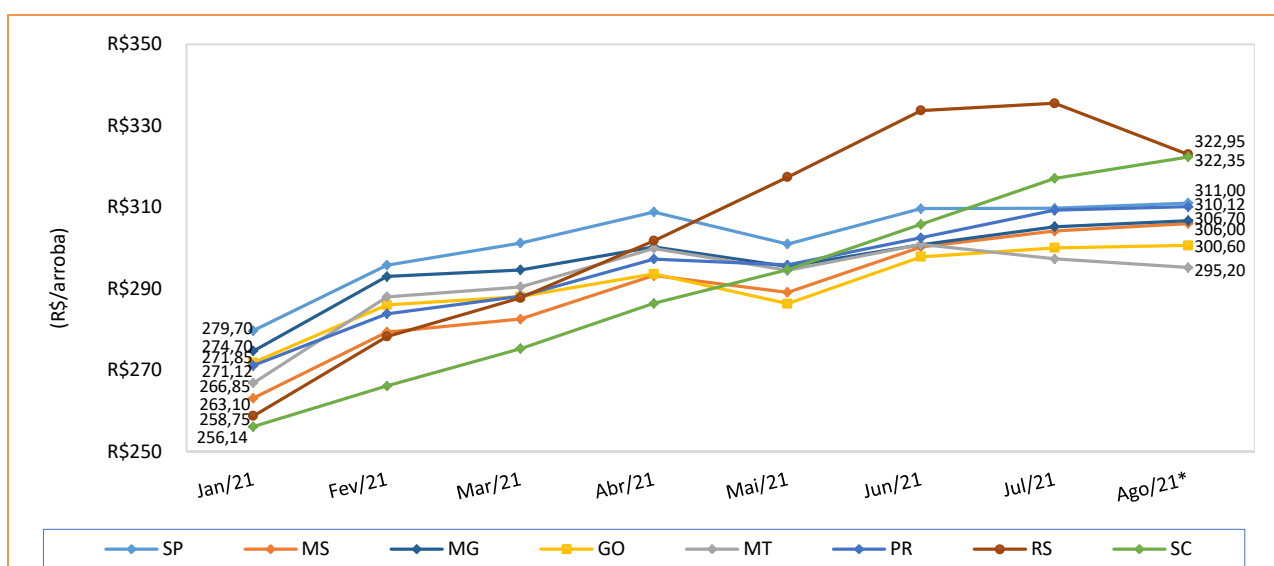


Figura 1. Boi gordo – SC(1), SP(2), MG(2), GO(2), MT(2), MS(2), PR(3) e RS(4): evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Assim como nos meses anteriores, o principal fator responsável pela elevação das cotações do boi gordo na maioria dos estados é a baixa disponibilidade de animais prontos para abate, embora a baixa demanda no mercado interno sirva de contraponto e restrinja altas ainda mais expressivas.

Na comparação com os preços praticados em agosto de 2020, ainda se observam altas significativas em todos os estados: 52,4% em Santa Catarina, 50,7% no Rio Grande do Sul, 43,6% no Mato Grosso, 42,9% no Mato Grosso do Sul, 42,5% no Paraná, 39,2% em Goiás, 38,8% em São Paulo e 37,6% em Minas Gerais.

Em Santa Catarina, Chapecó apresentou alta de 4,1% nas duas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior, enquanto o preço de Lages manteve-se inalterado. Em relação a agosto de 2020, as duas praças de referência apresentaram altas bastante expressivas: 73,4% em Chapecó e 53,3% em Lages.

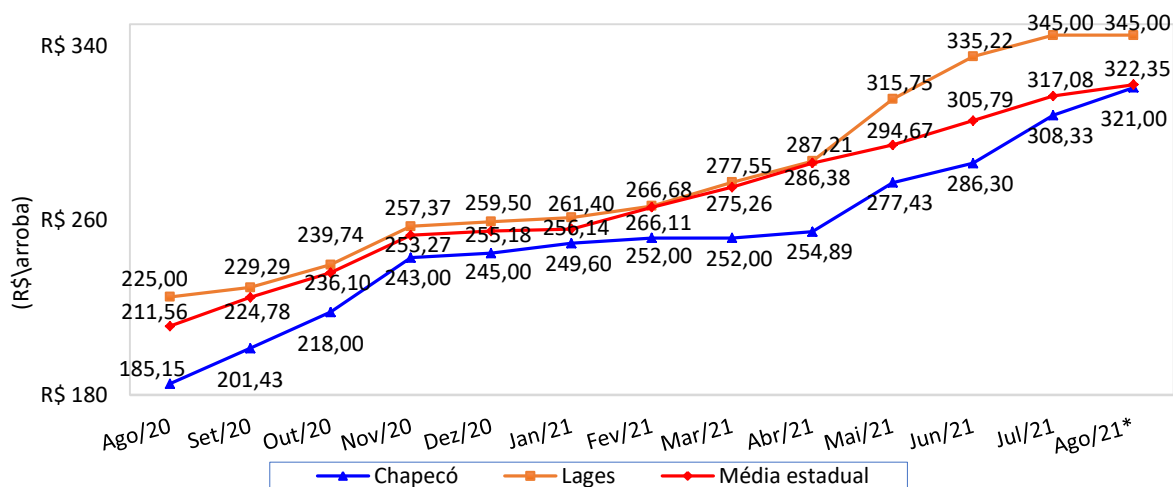


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina mantiveram o movimento de alta observado desde meados do ano passado. Em relação a julho, os valores preliminares de agosto apresentaram altas de 2,6% para a carne de dianteiro e de 0,8% para a carne de traseiro, com média de 1,7%. No ano, a alta média acumulada é de 21,8%.

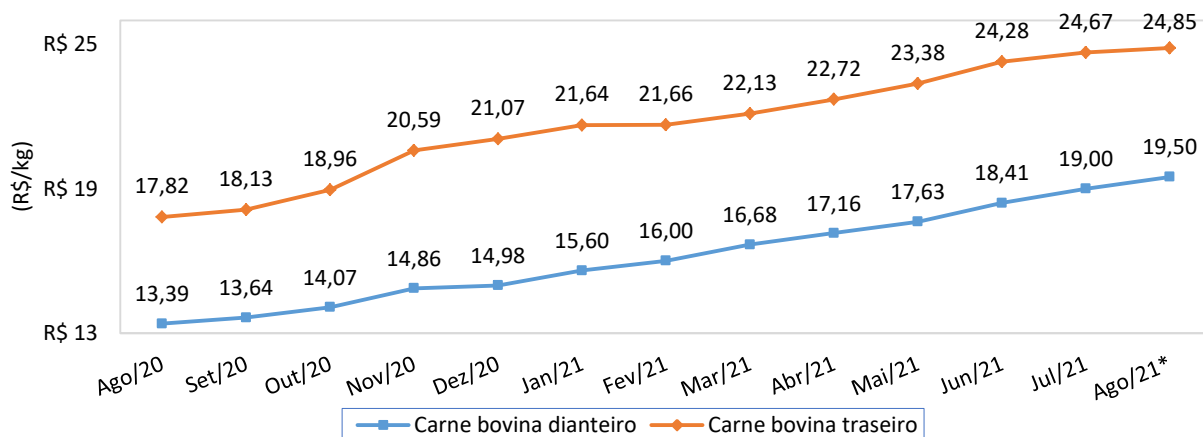


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação dos valores atuais com aqueles registrados em agosto de 2020, observam-se altas de 45,6% para a carne de dianteiro e 39,4% para a carne de traseiro, média de 42,5%.

Custos

Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina novamente mantiveram a tendência de alta registrada desde meados do ano passado. Em relação a julho, os aumentos são de 0,2% para os bezerros de até 1 ano e 1,9% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na média das duas categorias, as altas acumuladas no ano são de 47,0%. Na comparação com agosto de 2020, as variações são de 77,8% para os bezerros e 83,0% para os novilhos.

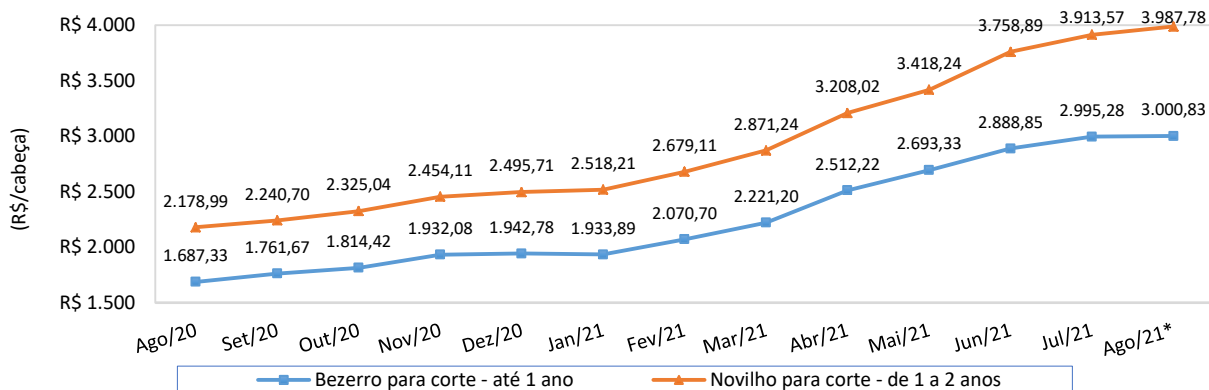


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **191,10 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **16,3%** na comparação com o mês anterior e queda de **1,5%** em relação a julho de 2020. As receitas foram de **US\$1,01 bilhão**, crescimento de **21,0%** em relação ao mês anterior e de **30,0%** na comparação com julho de 2020. Esses são os melhores resultados mensais do ano.

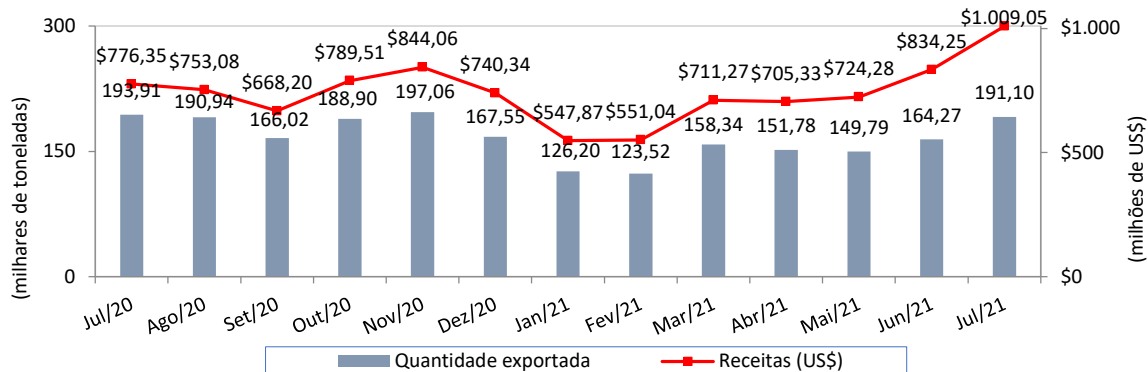


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em julho foi de **US\$5.428/tonelada**, altas de **4,8%** em relação ao mês anterior e de **33,0%** na comparação com julho de 2020.

De janeiro a julho, o Brasil exportou **1,06 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$5,08 bilhões** em receitas, queda de **3,3%** no volume e alta de **8,5%** nas receitas em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 59,2% das receitas brasileiras com as exportações desse produto.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, *três apresentaram variações negativas nas receitas acumuladas no ano, com destaque para Hong Kong (-19,8%)*. Dentre as altas, merecem menção especial a China (13,8%), os Estados Unidos (111,5%) e o Chile (40,8%).

Santa Catarina exportou **283 toneladas** de carne bovina em julho, com faturamento de **US\$1,18 milhão**, quedas de 15,2% e 17,5% em relação ao mês anterior, respectivamente. Na comparação com julho de 2020, registram-se crescimentos de 69,0% e 34,1%, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **1,95 mil toneladas**, com receitas de **US\$7,40 milhões**.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços médios das duas primeiras semanas de agosto registram variações positivas em todos os estados analisados (Figura 1). Dentre os fatores que levaram à elevação dos preços, destacam-se as ondas de frio observadas em diversos estados, o que estimula o consumo de carne suína, além do bom ritmo das exportações.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2020, observam-se situações distintas, de acordo com o estado: Santa Catarina e Rio Grande do Sul, registram altas de 17,0% e 0,7%, respectivamente; Paraná e Minas Gerais, por sua vez, apresentam quedas de 3,8% e 5,8%, respectivamente. Em São Paulo, o preço atual encontra-se no mesmo patamar de agosto de 2020.

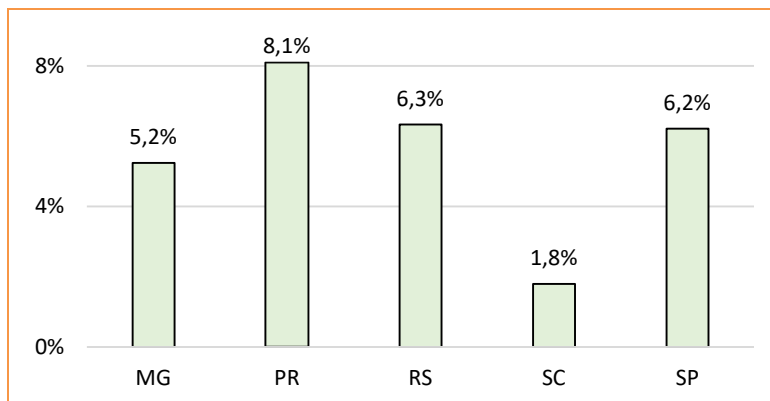


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (julho/agosto de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

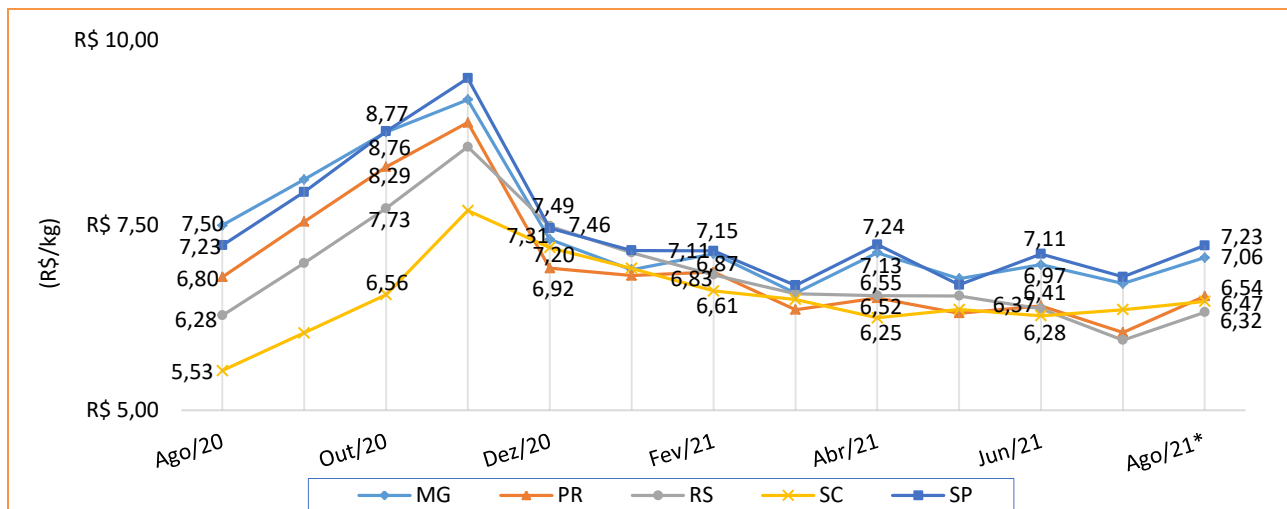


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, os valores preliminares das duas primeiras semanas de agosto apresentam queda de 4,1% para os produtores independentes, enquanto os preços aos integrados permaneceram inalterados em relação ao mês anterior. Na comparação com agosto de 2020, as variações são positivas em ambos os casos: 18,6% para os independentes e 30,3% para os integrados.

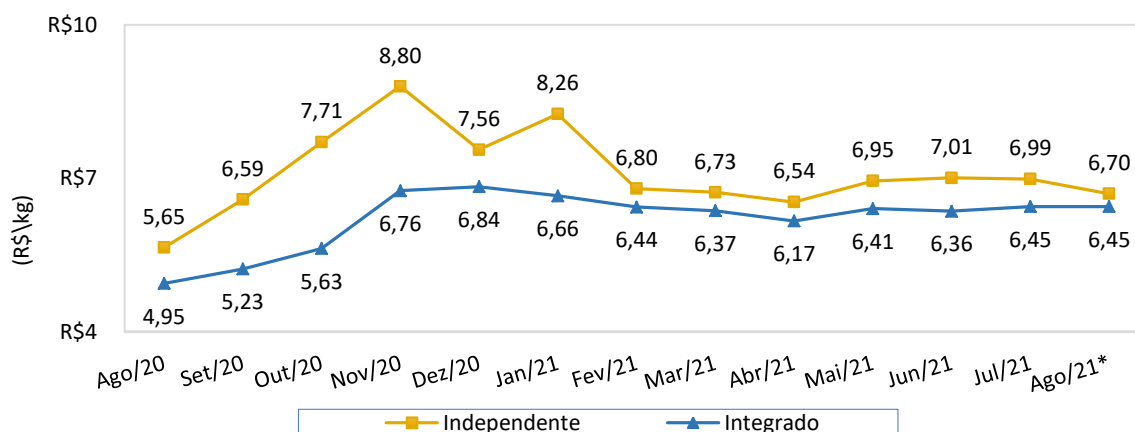


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos distintos, de acordo com o tipo de corte. Conforme o levantamento da Epagri/Cepa, três cortes registraram variação negativa: lombo (-5,1%), pernil (-2,9%) e costela (-0,6%). Variações positivas foram observadas no caso do carré (9,1%) e da carcaça (2,9%). A variação média foi de -0,7%, acumulando-se queda de 9,4% no ano.

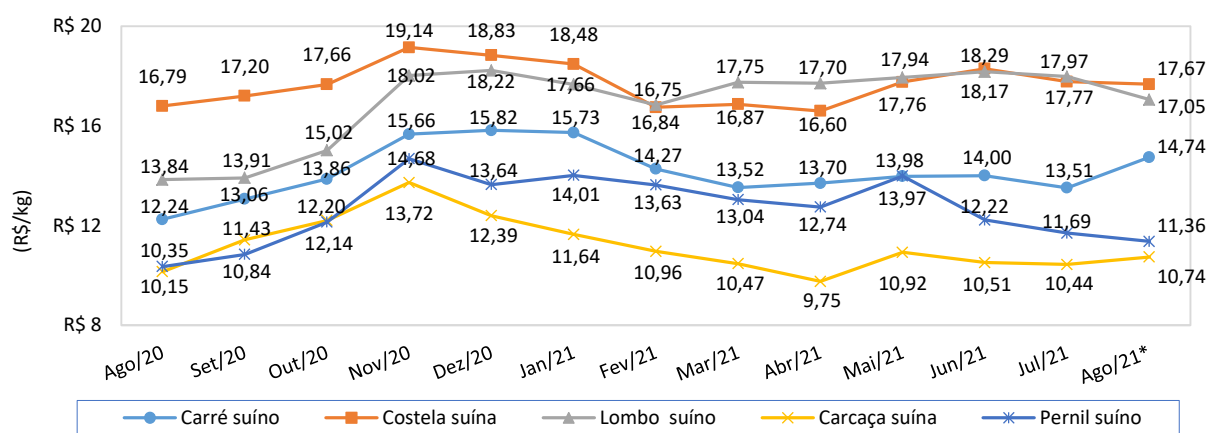


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de agosto e o mesmo mês de 2020, as variações são positivas em todos os cortes: lombo (23,2%), carré (20,4%), pernil (9,7%), carcaça (5,8%) e costela (5,2%). Em média, a alta foi de 12,9%.

Custos

Assim como já observado em julho, os preços dos leitões mantêm-se estáveis nas primeiras semanas de agosto, não sendo registradas oscilações em nenhuma das duas categorias. Em relação a agosto de 2020, observam-se variações positivas nos dois casos: 31,4% para os leitões de 6 a 10kg e 28,9% para os leitões de aproximadamente 22kg.

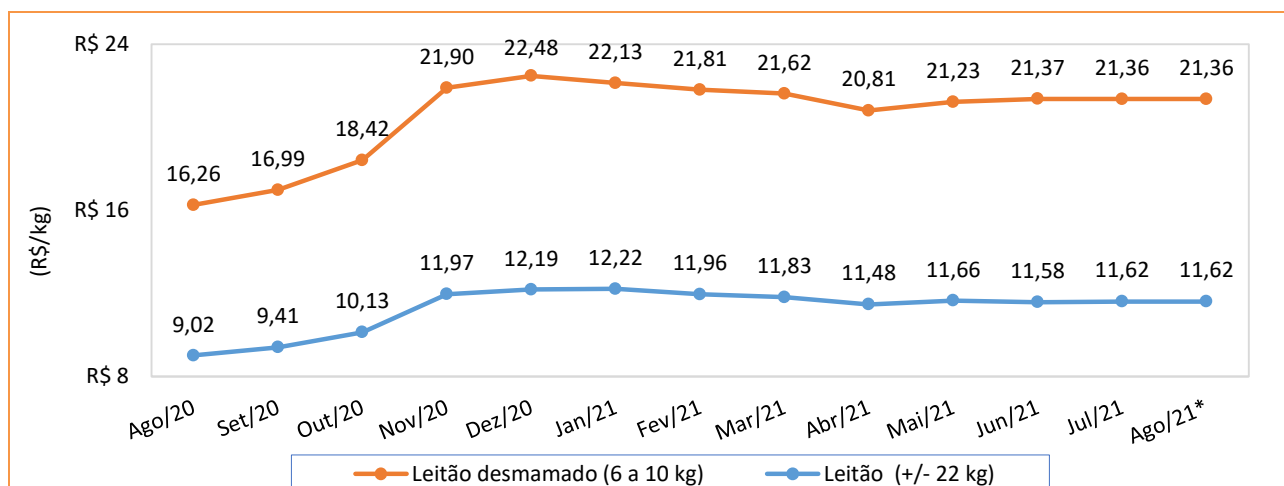


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresenta alta de 4,8% nas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior, decorrente da elevação no preço do milho (2,6%) e da queda no preço do suíno vivo na praça de Chapecó (-2,2%). O valor atual está 56,6% acima daquele registrado em agosto de 2020.

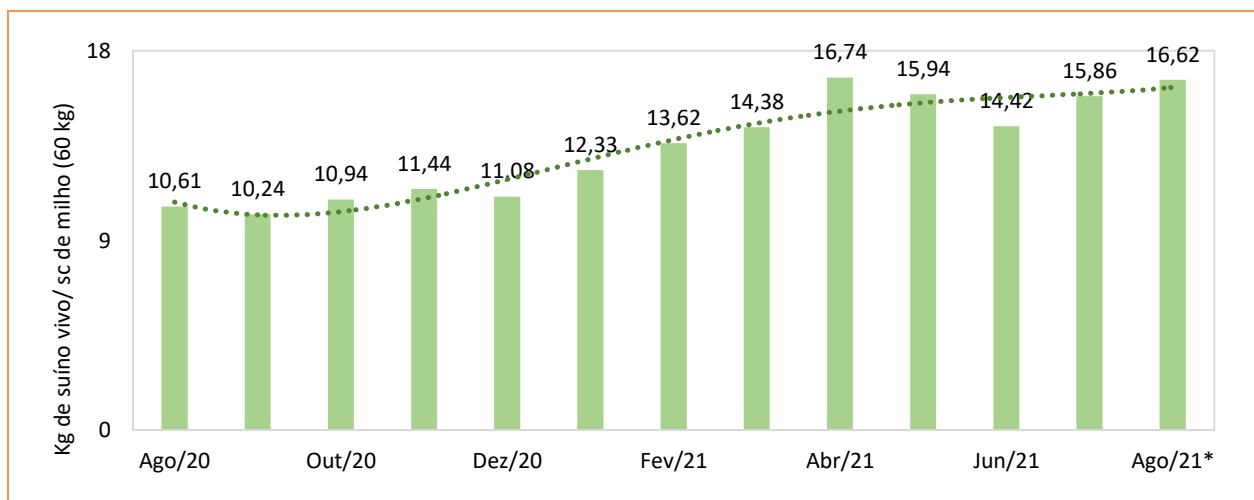


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/ago./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que, em agosto de 2020, o suinocultor precisava de 10,6kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), enquanto, em agosto deste ano, são necessários 16,6kg para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **100,97 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), montante **5,8% inferior** ao mês anterior, mas **1,7% acima** de julho de 2020. As receitas foram de **US\$244,28 milhões**, queda de **9,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **21,0%** na comparação com julho de 2020.

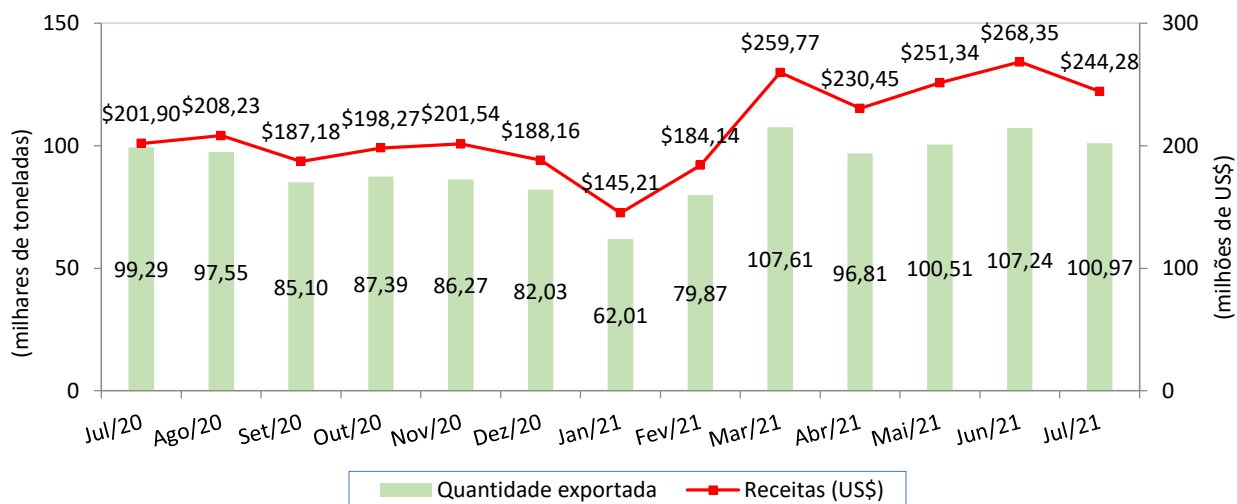


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Nos primeiros sete meses do ano, o Brasil exportou **655,03 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,58 bilhão**, altas de **14,6%** e **24,6%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína no 1º semestre foram China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 84,0% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 69,9% do total.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **53,17 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em julho, **4,3%** menos que no mês anterior e **3,5%** acima de julho de 2020. As receitas foram de **US\$133,50 milhões**, queda de **7,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **29,1%** na comparação com julho de 2020.

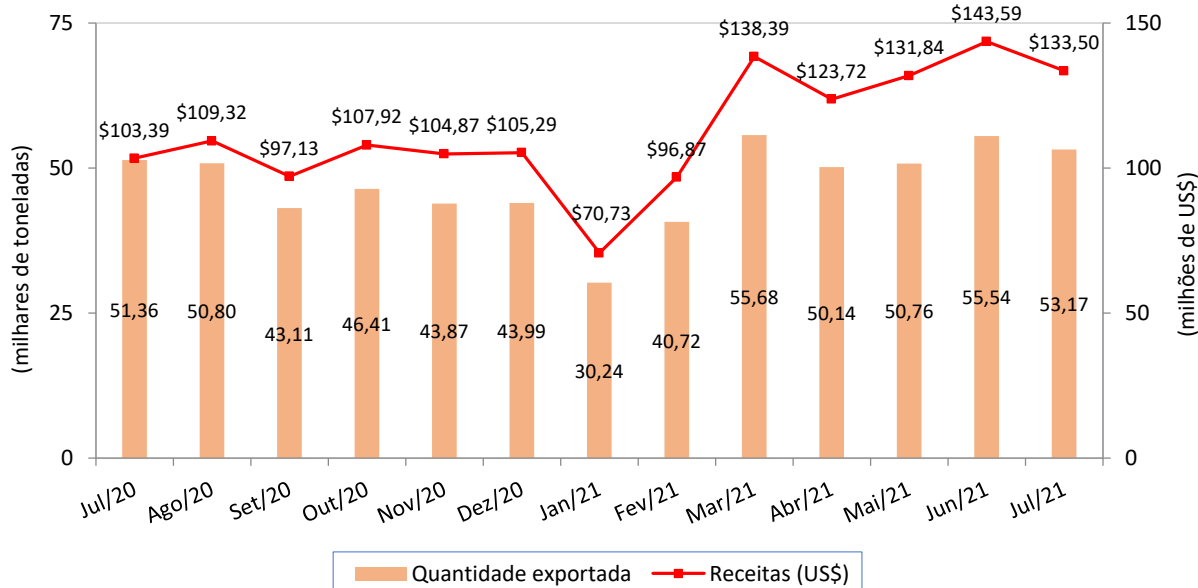


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de **US\$ 2.562/tonelada**, queda de **4,2%** em relação ao mês anterior, mas **22,9%** acima da média de julho de 2020.

De janeiro a julho, o estado exportou **336,25 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$838,64 milhões**, altas de **13,9%** e **29,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **53,0%** das receitas e **51,3%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 88,1% das receitas de janeiro a julho. China e Hong Kong responderam por 70,5%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro a julho de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	536.566.496,00	209.888
Chile	96.005.930,00	37.605
Hong Kong	54.457.427,00	25.644
Japão	26.641.263,00	6.459
Filipinas	25.545.752,00	13.370
Demais países	99.421.176,00	43.282
Total	838.638.044,00	336.248

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (36,6%), Chile (105,9%), Filipinas (361,9%) e Argentina (62,2%). Por outro lado, registrou-se variação negativa relevante nos embarques para Hong Kong (-16,4%).

Não obstante o cenário externo favorável, o ano de 2021 apresenta alguns desafios para o setor suinícola brasileiro. Além dos elevados custos de produção e da baixa liquidez do mercado interno, a recente descoberta de um foco de peste suína africana (PSA) na República Dominicana gera preocupações em produtores e agroindústrias. Vale lembrar que a PSA foi responsável pela drástica queda na produção de carne chinesa a partir de meados de 2018.

Embora não haja relatos de novos casos da doença, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou o reforço de medidas que visam evitar a entrada do vírus no território brasileiro, como o aumento da vigilância em portos, aeroportos e fronteiras secas, além de campanhas de conscientização destinadas a viajantes e produtores de suínos. O governo catarinense também anunciou medidas semelhantes, com reforço da fiscalização em suas divisas com outros estados e a implementação de ações de conscientização da população.

Produção

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2021 foram abatidos 13,03 milhões de cabeças de suínos em todo país, aumento de 7,1% em relação ao 2º trimestre de 2020. Na comparação com 1º trimestre de 2021, o crescimento foi de 3,2%.

A produção totalizou 1,22 milhão de toneladas de carcaças suínas no 2º trimestre deste ano, alta de 9,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na comparação com 1º trimestre de 2021, observou-se aumento de 5,2%.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 12 de agosto, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil no segundo trimestre de 2021. Esses novos números mostram que piorou o desempenho da produção leiteira nacional, já que nos três meses do trimestre a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas foi menor que a dos mesmos meses de 2020. No primeiro trimestre, apenas no mês de fevereiro houve redução em relação ao mesmo mês do ano passado. Com isso, a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas no primeiro semestre de 2021 ficou praticamente idêntica à quantidade do primeiro semestre de 2020 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru - Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas						
Mês	Bilhão de litros					Varição (%)
	2017	2018	2019	2020	2021	2020-21
Janeiro	2,101	2,161	2,207	2,270	2,341	3,1
Fevereiro	1,833	1,890	1,933	2,064	2,044	-1,0
Março	1,928	1,968	2,055	2,107	2,170	3,0
1º trimestre	5,862	6,019	6,195	6,441	6,555	1,8
Abril	1,812	1,873	1,911	1,967	1,935	-1,6
Maio	1,907	1,734	1,975	1,954	1,950	-0,2
Junho	1,929	1,872	1,974	1,947	1,915	-1,6
1º semestre	11,510	11,498	12,055	12,309	12,355	0,4
Julho	2,058	2,036	2,075	2,141		
Agosto	2,118	2,120	2,128	2,197		
Setembro	2,103	2,100	2,081	2,172		
Outubro	2,141	2,222	2,203	2,233		
Novembro	2,154	2,210	2,186	2,222		
Dezembro	2,250	2,271	2,283	2,340		
Total anual	24,334	24,457	25,011	25,614		

2020 e 2021: Dados preliminares (2º trimestre/21: primeiros resultados).

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Em setembro, o IBGE divulgará essa mesma pesquisa com os dados das unidades da federação, quando possivelmente serão alterados alguns números desses primeiros resultados mensais de âmbito nacional. Mesmo que sejam alterações significativas, o que é pouco provável, o comportamento da oferta interna indicado pelos dados do IBGE deverá seguir bem diferente do indicado pelo Índice de Captação de Leite Cepea⁷ (ICAP-L/Cepea), que mostra que o volume de leite captado no primeiro semestre de 2021 foi 4,0% superior ao do primeiro semestre de 2020⁸.

⁷ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra: RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. A participação de cada estado varia mensalmente com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação no ano anterior. Fonte: Cepea.

⁸ Consultar <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/leite-idade-de-captacao.aspx>

Balança comercial de lácteos

No mês de julho, pela primeira vez neste ano de 2021, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil (9,63 milhões de quilos) foi menor (-23,5%) que a do mesmo mês de 2020 (12,59 milhões de quilos). Esse comportamento deve se repetir nos demais meses desse segundo semestre de 2021, com tendência de que os decréscimos sejam ainda mais significativos do que esses 23,5% de julho. Principalmente a partir do mês de setembro, quando as compras externas de lácteos deverão ficar muito abaixo da casa dos 22 milhões de quilos/mês importados nos quatro últimos meses de 2020. As exportações de 2021 seguem com um desempenho melhor que o de 2020. Os 21,94 milhões de quilos de lácteos exportados pelo Brasil de janeiro a julho deste ano representam um crescimento de 35,8% sobre os 16,16 milhões de quilos exportados no mesmo período de 2020. Com isso, o cenário mais provável é que saldo negativo da balança comercial brasileira de lácteos de 2021 seja inferior tanto ao de 2020 quanto de 2019 (Tabela 2).

Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Janeiro	13,65	10,58	17,83	1,61	2,86	2,36	-12,04	-7,72	-15,46
Fevereiro	16,05	8,80	15,15	2,33	1,79	1,77	-13,72	-7,02	-13,38
Março	10,69	9,38	14,35	2,90	2,54	2,77	-7,79	-6,84	-11,58
Abril	10,86	6,00	7,31	1,66	1,81	4,27	-9,20	-4,19	-3,04
Maio	13,73	7,52	8,27	1,95	2,35	3,27	-11,78	-5,18	-5,00
Junho	10,95	8,42	8,84	1,61	2,16	3,99	-9,34	-6,27	-4,85
Julho	9,95	12,59	9,63	1,80	2,66	3,51	-8,15	-9,93	-6,12
Até julho	85,88	63,30	81,37	13,86	16,16	21,94	-72,02	-47,14	-59,44
Agosto	9,86	17,99		1,89	2,72		-7,97	-15,27	
Setembro	12,76	22,83		2,04	2,43		-10,72	-20,40	
Outubro	9,78	22,13		1,96	2,68		-7,82	-19,45	
Novembro	10,83	22,95		2,07	2,52		-8,75	-20,43	
Dezembro	10,24	22,44		1,96	2,54		-8,27	-19,90	
Total	139,34	171,63		23,78	29,04		-115,55	-142,59	

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

Preços

De março a junho, em todas as reuniões do Conleite/SC houve aumento nominal do preço de referência do leite. Isso mudou na reunião do mês passado, quando o preço de referência projetado para julho (R\$1,7647) foi 2,1% inferior ao valor final do mês de junho (Tabela 3). Esse decréscimo não chega a surpreender, na medida em que parecia evidente que as elevações dos preços dos lácteos e dos preços de referência do leite dos últimos meses foram muito mais condicionadas pelo baixo desempenho da produção brasileira, do que por qualquer reação da demanda nacional. Como se está no início do período do ano de recuperação da oferta interna (cujo pico anual se dá normalmente no mês de dezembro), a menos que a produção nacional de leite tenha um desempenho ainda mais sofrível do que o verificado recentemente, a tendência mais provável é de os preços dos lácteos e os preços recebidos pelos produtores não se manterem nos patamares atuais nos próximos meses.

Os levantamentos da Epagri/Cepa que permitirão o cálculo do preço médio recebido pelos produtores catarinenses no mês de agosto (relativo ao leite entregue em julho) ainda não estão finalizados em todas as regiões. Como as informações preliminares mostram que as indústrias estão adotando diferentes procedimentos de pagamento, mas com prevalência de preços idênticos aos de julho, é provável que o preço médio estadual de agosto fique próximo dos R\$2,15/l, que foi o preço médio do mês passado (Tabela 4).

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Mai	1,1522	1,2535	1,3091	1,6994	4,4	29,8
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	1,8025	26,1	18,8
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	1,7647	34,8	13,2
Média até julho	1,1572	1,2034	1,3519	1,6489	12,3	22,0
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Julho/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Tabela 4. Leite: Santa Catarina – preço médio (1) aos produtores – 2018-21

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Mai	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3
Média até julho	1,05	1,24	1,29	1,88	4,6	45,5
Agosto	1,35	1,19	1,66		39,5	
Setembro	1,31	1,21	1,87		54,5	
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

(1) Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

A reunião do Conseleite/SC de agosto está marcada para o dia 26, nela se estabelecerá o preço de referência final de julho e se projetará o preço de agosto (que serve de base para o preço que os produtores receberão em setembro). Em situação normal de oferta, a tendência seria uma nova redução nos preços de referência. Com esse baixo desempenho da produção leiteira nacional, como indicado pelos novos números do IBGE, isso já não é tão evidente.